ẼG JAMẼN KỸ MŨ

TEXTOS KANHGÁG

Adão Sales Vyjkág
Alcides Jacinto Mũrenh
Aldair Nenh Alfaiate
Armandio Kãnkõr Bento
Aurelino Góg Ribeiro
Clarice Fágtẽ dos Santos Berton
Dirceu Bento Kójégjég
Dorvalino Cardoso Refej
Gelson Vergueiro Kagrẽr
Glória Fẽra Cornélio
Iraci Greja Antonio
Iraci Miguel
Jeocir Kuitá dos Santos
José Nĩnsu Sales
Luiz Adriano Penĩ Dias Sales
Marilde Luiz Ganhgre
Natalino Góg Crespo
Nestor Antonio Kavág
Neusa Jagmũ Ferreira
Pedro Retón Candido
Pedro Kresó
Rogério Antonio Kagỹnh
Ronelson Foráj Luiz
Sebastião Luiz Camargo
Valmir Cipriano Jẽsĩ
Waldomiro Kafár Mineiro
Wilson Grũn Policeno

ERVO MARI
IDI 223
APBKG
Oka Áustria
MEC/PNUD

ẼG JAMẼN KỸ MŨ

TEXTOS KANHGÁG

BIBLIOTECA DO MARI
INDÍGENA
TOMBO 227

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado da Educação e do Desporto
Paulo Renato Souza

Secretário Executivo
Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação Fundamental
Iara Glória Areias Prado

Diretora do Departamento de Políticas de Educação Fundamental
Virgínia Zélia de Azevedo Rebeis Farha

Coordenadora Geral de Apoio às Escolas Indígenas
Ivete Maria Barbosa Madeira Campos

Equipe Técnica
Caio Valério de Oliveira, Deuscreide Gonçalves Pereira, Deusalina Gomez Eirão

Comitê de Educação Escolar Indígena
Iara Glória Areias Prado - Presidente, Suzana Grillo, Meriel de Abreu Sousa, Ruth Maria Fonini Monserrat, Bruna Franchetto, Maria Aracy Lopes da Silva, Luís Donisete Benzi Grupioni, Raquel Figueiredo A. Teixeira, Adair Pimentel Palácio, Marina Silva Kahn, Jussara Gomes Gruber, Daniel Matenhos Caxibi, Domingos Veríssimo, Sebastião Mário Lemos Duarte, Sebastião Cruz, Salvino Kanátio Pataxó, Argemiro da Silva e Bruno Ferreira.

Publicação financiada pelo MEC - Ministério da Educação e do Desporto, dentro do Programa de Promoção e Divulgação de Materiais Didático-Pedagógicos sobre as Sociedades Indígenas Brasileiras, recomendada pelo Comitê de Educação Escolar Indígena.

ẼG JAMẼN KỸ MŨ

TEXTOS KANHGÁG

Adão Sales Vyjkág
Alcides Jacinto Mũrenh
Aldair Nenh Alfaiate
Armandio Bento Kãnkõr
Aurelino Ribeiro Góg
Clarice Fágtẽ dos Santos Berton
Dirceu Bento Kójégjég
Dorvalino Cardoso Refej
Gelson Vergueiro Kagrẽr
Glória Fẽrá Cornélio
Iraci Greja Antonio
Iraci Miguel
Jeocir Kuitá dos Santos
José Nĩnsu Sales
Luiz Adriano Penĩ Dias Sales
Marilde Luiz Ganhgre
Natalino Góg Crespo
Nestor Antonio Kavág
Neusa Jagmũ Ferreira
Pedro Rẽtón Candido
Pedro Kresó
Rogério Antonio Kagỹnh
Ronelson Foráj Luiz
Sebastião Luiz Camargo
Valmir Cipriano Jẽsĩ
Waldomiro Kafár Mineiro
Wilson Grun Policeno

1ª edição
APBKG/Dka Áustria/ MEC/PNUD
Brasília
1997

MDI 223

Curso de Formação de Professores Indígenas Bilíngües
Coordenação
APBKG - Associação dos Professores Bilíngües Kaingang e Guarani
COMIN - Conselho de Missão entre Índios da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
ONISUL- Organização das Nações Indígenas do Sul
UNIJUI - Universidade Regional do Rio Grande do Sul

Organização do Projeto
André Amaral de Toral (MARI - Grupo de Educação Indígena da USP) e
Comissão de Publicação do Curso de Formação de Professores Indígenas Bilíngües:
Armandio Kãnkõr Bento, Dorvalino Cardoso Refej, Gelson Vergueiro Kragrẽr, Neusa Jagmũ Ferreira, Pedro Rẽtón Candido, Valmir Cipriano Jẽsĩ

Colaboração
Bruno Ferreira
Lucio Schwingel

Digitação
Fernanda Carvalho Moreira

Edição e Revisão
André Amaral de Toral
Paula Pinto e Silva

Fotos
André Amaral de Toral
Arquivo Instituto Sócio-Ambiental
Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio - Funai

Apoio
APBKG
Dka Áustria - Dreikönigsaktion der Katholischen Jungschar
MEC / PNUD

Capa: A flor do coqueiro, utilizada na preparação dos *kujã*, xamãs Kaingang; Contra-capa: vista da Comunidade Kanhgág de Inhacorá (São Valério do Sul, RS)

ÍNDICE

Apresentação 9

1ª parte: *O conhecimento e a prática na tradição Kanhgág*

História do kujã e o poder do jagrẽ 31
Nestor Antonio Kavág

Hoje e antigamente 34
Iraci Greja Antonio

Eu era diferente! 42
Aldair Nenh Alfaiate

Como um Kanhgág se torna kujã e para que 45
Armandio Kãnkõr Bento

Kujã fi tỹ ũ mỹ touãnh ke kãme 49
Dorvalino Cardoso Refej

O kujã e as almas perdidas 51
Valmir Cipriano Jẽsĩ

A homenagem ao kujã 56
Iraci Miguel

A festa do mastro em Inhacorá 59
Valmir Cipriano Jẽsĩ

O sonho de ser kujã 66
Rogério Antonio Kagỹnh

O surgimento do kujã 68
Gelson Vergueiro Kagrẽr

Para que servem os jagrẽ 72
Alcides Jacinto Mürenh

Pỹn kãme / Jãtã ag tỹ mỹsinsér mũj ke 153
Natalino Góg Crespo

3ª parte: As nossas lutas

Magias do guerreiro Kanhgág 155
Gelson Vergueiro Kagrẽr

A última guerra entre Kanhgág e os Xokleng 161
Gelson Vergueiro Kagrẽr

A morte do guerreiro Xokleng 167
Gelson Vergueiro Kagrẽr

Em que parte se dá um aviso no corpo Kanhgág 170
Valmir Cipriano Jẽsĩ

Pássaros que avisam o bem e o mal 172
Valmir Cipriano Jẽsĩ

A história da invasão de posseiros em Nonoai até sua expulsão 175
Gelson Vergueiro Kagrẽr

Apresentação

Este livro destina-se aos alunos das escolas das comunidades Kaingang nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Foi escrito em 1995 e 1996 por homens e mulheres Kaingang de diversas áreas indígenas, quando eram alunos do curso de formação de professores bilíngües.

Deve servir como material de leitura no ensino bilíngüe, particularmente nas áreas onde atuam os professores formados pelo curso. Visa suprir a falta de material didático para alfabetizandos e de material de leitura para pessoas já alfabetizadas, que não dispõem de publicações sobre temática Kaingang.

O projeto de se fazer esse livro insere-se dentro de outro maior, o Curso de Formação de Professores Indígenas Bilíngües, para o ensino de 1ª a 4ª série nas escolas das comunidades Kaingang do sul do Brasil, coordenado por uma comissão interinstitucional envolvendo

representantes da Universidade de Ijui (UNIJUI/ RS), da Associação dos professores Bilíngües Kaingang e Guarani (APBKG), do Conselho de Missão entre os Índios da Igreja Evangélica de Confissão Luterana (COMIN) e Organização das Nações indígenas do Sul (ONISUL).

O curso, supletivo em nível de 2° grau com habilitação para magistério, visou garantir o direito dos Kaingang a uma educação específica que lhes assegurasse e fortalecesse a própria identidade, respeitando, valorizando e resgatando seus métodos próprios de aprendizagem, sua língua e tradição cultural. Incluiu ensino ou reforço da língua Kaingang e a abordagem de temas julgados relevantes tais como organização social tradicional, etno-história, mitologia e cosmologia Kaingang.

A iniciativa de se organizar o curso, realizado entre 1993 e 1996, finalmente, foi uma eficiente resposta da sociedade civil gaúcha face à passagem, para os Estados da União, das atribuições anteriormente desempenhadas pelo governo federal e sua agência indigenista no tocante à educação indígena nos Estados. Oxalá essa experiência

de formação de professores, atividade crucial para o funcionamento de escolas, possa ser absorvida e repetida pela Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul.

Ser Kaingang, hoje

Contatados pela frente colonizadora que passou a ocupar suas terras a partir do final do século passado, os Kaingang encontram-se hoje numa região densamente ocupada e de colonização consolidada nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os Kaingang estão entre as cinco maiores etnias indígenas no Brasil: somam aproximadamente 20.000 pessoas espalhadas em 25 áreas indígenas. Mesmo antes da intensificação do contato com os brancos certamente já existiam enormes variações culturais e lingüísticas entre grupos que ocupavam um território tão extenso. Atualmente existem cinco dialetos Kaingang, falados pelas comunidades dispersas em quatro Estados, conforme estudos realizados pela lingüista Ursula Wiesemann.

O modo de vida desse grupo indígena foi fundamentalmente alterado em relação ao que era no século passado. Em pouco mais de um século passaram de um regime de subsistência baseado na caça, coleta e, em menor grau, na agricultura, para um outro totalmente diferente. Impossibilitados de explorarem seu território tradicional, pela realidade da vida em reservas, passaram a depender da agricultura, hoje relativamente mecanizada em algumas áreas, combinada com criação doméstica de animais e intensa produção e venda de artesanato. Apesar dessa adaptação aos novos tempos, boa parte de suas comunidades enfrenta dificuldades crônicas na sua subsistência.

A instalação da agência indigenista oficial, Serviço de Proteção aos Índios, nas primeiras décadas desse século, foi marcada pela tentativa violenta de transformar os Kaingang em agricultores e colonizadores num curto espaço de tempo, fazendo com que se integrassem ao "progresso" e à nação brasileira. Na prática os agentes governamentais tratavam ativamente de mudar seu modo de vida através da proibição de rituais, do ensino monolíngüe em português, da imposição de interlocutores substituindo as autoridades tradicionais, de um regime

rigoroso de trabalhos agrícolas dirigidos a partir dos Postos Indígenas, de massivas transferências territoriais compulsórias etc.

Atualmente, boa parte dos Kaingang presta serviços como trabalhadores rurais nos municípios onde vivem, dentro e fora das áreas indígenas. Uma parcela de suas terras encontra-se arrendada a agricultores regionais vizinhos, com um retorno sempre discutido, para a totalidade da comunidade. Esse quadro tem sido em parte revertido nas últimas duas décadas pelo encerramento de aluguel de terras e por retiradas de posseiros e arrendatários promovidas principalmente pela insatisfação dos Kaingang. Algumas comunidades Kaingang, ainda, reivindicam suas terras expropriadas, como a comunidade de Serrinha, no Rio Grande do Sul.

Outros graves problemas para o grupo são sua marginalização econômica em relação ao contexto regional, onde predomina uma dinâmica atividade agro-pastoril, e a discriminação racial e cultural que sofrem, o que contribui para a desvalorização de suas pessoas e de sua cultura. Em algumas áreas registram-se casos de

abandono do uso da língua, principalmente por parte dos mais jovens, além do desconhecimento de rituais.

Para terminar essa rápida caracterização, deve-se registar a existência, já há várias décadas, de igrejas protestantes, evangélicas e católica, no interior das áreas indígenas. Muitos Kaingang são crentes de diferentes denominações e não se pode pensar a realidade do grupo a não ser num quadro multi-religioso, onde se combinam as religiões de fundo cristão com a Kaingang. Algumas dessas igrejas, na sua implantação e existência entre esse povo, dedicaram-se a uma pregação muitas vezes agressiva em relação à cultura e tradição Kaingang. Cerimônias como o *Kiki*, a festa dos mortos, foram proibidas e seu exercício tornou-se sinônimo de "atraso", quando não de "satanás", e portanto inadequadas à nova realidade de contato, onde eram e são valorizadas práticas econômicas visando ao progresso material individual. Nos últimos anos a intolerância religiosa tem diminuído, possibilitando a convivência das comunidades de crentes, católicos e tradicionalistas.

Como as coisas foram e com as coisas são

Durante as aulas de Estrutura e Organização Kaingang e Sociologia Cultural na primeira unidade do curso, houve uma apresentação da visão que os brancos fizeram e fazem do modo de vida dos Kaingang, através dos estudos de etnógrafos e antropólogos.

Muitos dos alunos revelaram-se conhecedores de diversos dos assuntos tratados, tais como rituais, práticas medicinais, histórias e mitos etc. Alguns deles, inclusive, eram autores de trabalhos inéditos sobre cerimônias das quais participaram. Iniciou-se um debate sobre como as coisas eram no passado e como as coisas são hoje, no presente; ou seja, como era a cultura Kaingang dos livros e como é a cultura Kaingang de hoje.

Na segunda unidade foram convidados um *kujã*, xamã, de nome Antonio Miguel, e um conhecedor da tradição oral Kaingang, Domingos João da Silva, ambos de Inhacorá, para relatarem histórias e experiências aos alunos do curso. A curiosidade revelada sobre o conhecimento "dos mais velhos" foi muito grande. Os próprios alunos Kaingang desconheciam a variação regional, isto é, de

área para área, daquilo que se chama de "cultura Kaingang".

Na terceira unidade, foi pedido aos alunos para que desenvolvessem trabalhos sobre diversos aspectos da sua sociedade, seu sistema de curas tradicionais, o conhecimento dos *kujã*, práticas fitoterápicas, relatos históricos etc.

Os autores e seus trabalhos

Todas os trabalhos reunidos nesse livro são resultados e registros dessas pesquisas, realizadas pelos alunos do curso junto aos conhecedores da tradição oral Kaingang em suas comunidades. Foram entrevistados, na maior parte dos casos, os *kujã* de diversas áreas, alguns deles parentes dos pesquisadores. Esse material cobre, então, o conhecimento e a prática em diversos locais; reflete, por conseqüinte, uma considerável variação de idéias. Certamente os membros de algumas comunidades não reconhecerão os costumes de outras comunidades. Alguns dos relatos que veremos contém, certamente, novidades para os próprios Kaingang.

Ao escolher os temas para seus trabalhos, os autores preferiram aqueles que consideraram como mais importantes para o conhecimento de sua sociedade, ou seja, os assuntos mais caracteristicamente Kaingang. É por isso que os trabalhos dão uma boa idéia de parte da vida nas comunidades Kaingang hoje em dia.

Os temas escolhidos tratam de sua história e relacionamento com brancos e outros grupos indígenas. Falam também do *kujã*, principal figura do sistema religioso tradicional dos Kaingang.

O sistema de crenças e rituais tradicionais dos Kaingang pode ser considerado como uma autêntica religião, assim como as religiões cristãs e outras. Como elas, a religião dos Kaingang, entre outras coisas, explica o mundo, classifica e ordena o universo, diz o que se deve ou não fazer, distingue o que é sagrado e digno de reverência e como buscar a felicidade.

Neste livro respeitamos e saudamos os irmãos Kaingang de todas as religiões, evangélicos e católicos, observando sincero respeito às igrejas existentes em suas

comunidades. Não se pretende aqui atacar ou criticar a fé de quem quer que seja.

As festas e rituais, onde a comunidade convive com seres próprios do mundo Kaingang, também mereceram atenção especial dos pesquisadores. Alguns elaboraram verdadeiras reportagens sobre essas festas, descrevendo os acontecimentos minuto a minuto.

Os trabalhos foram reunidos em três partes. A primeira, "O conhecimento e a prática na tradição Kanhgág", reúne trabalhos sobre o *kujã*, sobre como os Kaingang vêem a morte e sobre rituais e festas.

A segunda parte dos trabalhos, "Histórias em Kanhgág", se compõe de uma série de narrativas curtas, em língua Kaingang, sobre o cotidiano das comunidades.

Na terceira parte, "Nossa luta", estão reunidos trabalhos sobre história e sobre a tradição guerreira do grupo. Examinam a maneira de lutar dos Kaingang. Fala-se de combates e também da preparação mágica à qual o guerreiro deve se submeter. Os trabalhos cobrem um período histórico não muito afastado no tempo, que vai

de meados do século passado, com relatos de combates com seus vizinhos Xokleng, até a expulsão dos arrendatários da área indígena de Nonoai em 1978.

Vale a pena destacar, dentre os assuntos apresentados nos trabalhos, a presença do sistema de metades *Kamé* e *Kairu* (ou *Kairukre*) na sociedade Kaingang, atuando na regulamentação do casamento e na elaboração de sistemas de alianças no interior das comunidades.

Os trabalhos sobre o *kujã*, por outro lado, mostram a atualidade do pensamento religioso tradicional e genuinamente Kaingang em algumas comunidades, convivendo com religiões evangélicas, protestantes e católica.

Os pesquisadores trouxeram muitos relatos sobre as revelações dos *kujã*, quando entram em contato com os seus *jagrẽ*, entidades que os orientarão em seu processo de aprendizado. O prestígio e a importância dos *kujã*, o sacerdote dos Kaingang, fica bem claro nas descrição de festas feitas em sua homenagem.

Em todos os temas pesquisados, desde tratamento de doenças até a preparação para a guerra, transparece a dimensão espiritual do pensamento Kaingang. O "mundo" Kaingang se compõe pelo intenso entrecruzamento de diversas realidades, algumas visíveis, outras invisíveis para os que desconhecem seus segredos.

Fica claro, também, um registro muitas vezes pessimista feito pelos autores, do abandono e desconhecimento dos "costumes dos antigos" pelos mais jovens.

A moderna cultura Kaingang

Chama a atenção, em muitos dos relatos que veremos, a presença de elementos vindos da cultura dos brancos, convivendo com outros originalmente Kaingang.

Os Kaingang, em mais de um século de contato com os brancos, receberam e trouxeram muitas coisas novas para a sua sociedade. Essa "importação" de novidades criou uma diferenciação da sociedade Kaingang atual em relação àquela do início do século ou anterior ao contato. Não se pode dizer, no entanto, que a cultura Kaingang é

uma "mistura" de elementos "civilizados" com outros de antes do contato com os brancos.

Ao lado de perdas culturais concretas, como desconhecimento e abandono de rituais, os Kaingang utilizam-se dos elementos "de fora", de uma maneira original e toda especial, muito diferente dos brancos. Esse sincretismo, mistura de concepções de origens diferentes, marca a maneira pela qual os Kaingang lidam com a tradição, construindo algo novo, a tão falada "cultura".

Entendemos cultura como algo ligado à capacidade humana de interrogar e tentar alterar a tradição legada pelos nossos ancestrais, criando uma "nova" tradição. Cultura é, entre outras coisas, esse processo de transformações contínuas, de adaptação e especulação sobre novas condições de vida em novos tempos.

Por isso é que, mesmo incorporando coisas do branco, os Kaingang não caminham para ser brancos; não possuem uma cultura de "transição". Os Kaingang, mesmo sendo brasileiros, não deixaram de ser índios; sua cultura,

indígena, continua original e diferente das de outros grupos indígenas e diferente da cultura dos brancos.

Por isso, mesmo que nas histórias apareçam santos católicos, pagamentos de "mesadas" e "romarias", a forma de vivenciar essas idéias é própria aos Kaingang. Um exemplo seria o relacionamento dos *kujã* com seus *jagrẽ*. Além dos *jagrẽ* tradicionais, como a jaguatirica, o vaga-lume ou a coruja, hoje temos diversos santos de origem cristã, como São Bom Jesus, São Gonçalo e São Divino; estes santos, como os *jagrẽ*, aparecem como fonte de conhecimento. Pode-se dizer que diversos atributos do relacionamento com os *jagrẽ* foram transferido aos santos cristãos. Óbviamente essa forma de lidar com os santos tem muito de Kaingang.

Mesmo um ritual como a "Dança da Romaria", dedicada a São Gonçalo e ensinada pelo profeta São João Maria, personagem do catolicismo popular regional das primeiras décadas do século, é considerado hoje em dia como fazendo parte do acervo cultural de algumas comunidades Kaingang.

Mais do que cor da pele ou do cabelo, ser Kaingang se liga a essa maneira própria, única, de ver o mundo, incorporar novidades e lidar com uma tradição bem definida.

A decisão de se publicar o material das pesquisas se liga à vontade de fazer com que os alunos nas escolas percebam que existem outras maneiras de ser "índio", não necessariamente ligadas a idéias erradas e estereotipadas, que sugerem sempre um "índio" imaginário, nú e enfeitado com penas, caçando e pescando na floresta virgem.

Espera-se que esse livro ajude aos futuros professores a passarem para seus alunos a idéia do que é ser Kaingang em 1997 e da necessidade de se tomar posição ativa na transmissão e guarda de suas tradições.

Esse livro, finalmente, nasceu dessa vontade em dar uma outra visão da sociedade Kaingang. Uma visão de fatos contemporâneos, em relatos dos próprios Kaingang.

Sobre os erros de escrita

Certamente os leitores já repararam que uma mesma palavra, como "Kaingang", aparece escrita como "Kanhgág". A respeito da maneira de se escrever a língua Kaingang, gostaríamos de reproduzir aqui uma nota escrita por Gilvan M. de Oliveira, lingüista que atuou no Curso de Formação de Professores Bilíngües:

" O leitor atento não deixará de encontrar nestes textos publicados "erros" de escrita: acentos faltando ou colocados onde aparentemente não deveriam estar, palavras escritas com outra grafia do que o leitor poderia julgar correta.

" Uma parte desses "erros" deve-se, sem dúvida, aos recursos de digitação e de gráfica: alguns acentos têm que ser colocados manualmente porque o programa de computador que temos não permite incluí-los já na digitação.

" Uma grande parte dos "erros", no entanto, deve-se a um fato muito interessante e que merece um comentário aqui.

" Ao contrário do português, que é uma língua escrita há oitocentos anos, com uma história de padronização e normativização lingüística, o Kaingáng é uma língua escrita há pouquíssimo tempo, sem uma verdadeira circulação de material escrito. Lingüisticamente é uma língua sem norma falada nem norma escrita, na qual diversos dialetos convivem em pé de igualdade. Uma norma desenvolve-se historicamente, levando muito tempo para firmar-se, se as situações de poder que a permitem permanecem mais ou menos constantes.

" Quando uma língua não tem uma norma e, no caso dessa publicação, uma norma escrita, é muito difícil dizer o que é certo e o que é errado, pois o que é certo num dialeto pode ser errado num outro e vice-versa. Esses textos forma corrigidos muitas vezes, mas notamos que a cada correção por pessoas diferentes, novos erros eram encontrados, de modo que poderíamos continuar corrigindo muito tempo sem que chegássemos a um resultado melhor: simplesmente porque neste âmbito ainda não existe o "melhor", que seja consenso entre todos os falantes das diversas áreas.

" Para o professor que vai trabalhar com esses materiais, será necessário fazer pequenos ajustes para que o material fique mais adequado ao dialeto da área onde está trabalhando. Como o professor é agente do seu fazer e um criador de conhecimento, isso não será um problema maior.

" É importante não esquecer que é mais importanteter material de leitura e fazer com que as crianças escrevam do que ficar demasiadamente preocupado com os pequenos "erros" dos textos, sejam esses aqui ou os das crianças. Com o tempo, se o Kaingáng se desenvolver como uma língua escrita, e daí emergir algo como uma norma lingüística, isso terá sido resultado de uma intensa atividade de escrita desenvolvida na escola e fora dela, pelos professores, pelas crianças e por outros membros da comunidade.

" Não nos esqueçamos de que na língua portuguesa, até meados do século XIX, as palavras podiam ser escritas de muitas formas diferentes, e que a mesma pessoa escrevia a mesma palavra no mesmo texto de forma diferente, por exemplo, 'sertões' e 'certoens', sem que isso prejudicasse em nada a compreensão do texto e o desempenho de suas

funções. O mesmo ocorrerá com o Kaingáng nessa sua primeira fase como língua escrita."

Fazendo o livro

Depois que os trabalhos foram feitos e depois de se decidir publicá-los, eles foram analisados individualmente por André Toral junto com os autores e examinados, na sua totalidade, pelo conjunto da turma. Estabeleceu-se o objetivo do livro e seus temas; conversou-se sobre o cuidado que se deve ter com um texto que se destina à publicação.

A maioria das pesquisas foi, então, refeita. Muitos dos autores reescreveram seus trabalhos; outros se limitaram a corrigí-los e acrescentar uma coisa ou outra. Outros, ainda, aproveitaram para escrever novos trabalhos sobre outros temas.

Na última unidade do curso foi escolhida uma Comissão de Publicação, da qual faziam parte pelo menos um aluno por área indígena.

Seu objetivo era centralizar a tarefa de juntar os trabalhos, combinar reuniões e propor modificações nos trabalhos dos colegas da mesma área.

Coube à comissão tomar as decisões sobre como organizar o livro, selecionar os trabalhos, dar novos títulos etc.

Para pedir apoio para os trabalhos de pesquisa nas comunidades, a APBKG promoveu uma reunião, em julho de 1996, com caciques de cacique Doble, Guarita, além de representantes de diversas áreas indígenas, como o vice- cacique de Inhacorá, aluno do curso, que veio representando seu irmão, o cacique.

Nessa ocasião alguns dos alunos do Curso, que já atuavam como professores em suas comunidades, falaram sobre a necessidade de se produzir material didático específico para os Kaingang.

Natalino lembrou a dificuldade de se ensinar que o Brasil foi descoberto em 1.500, quando os ancestrais dos alunos já viviam há muito tempo aqui. Seria preciso um material didático que contasse a história a partir de um ponto de

vista Kaingang. Como ensinar, numa reserva Kaingang hoje em dia, que os índios vivem da caça e pesca como dizem os livros ?

Dorvalino lembrou que as histórias de "dentro da aldeia" interessam mais aos alunos; saber por exemplo, como é área indígena em que vivem, se está na baixada ou no alto, quantos hectares tem e assim por diante.

Armandio argumentou que era preciso combater a idéia do índio preguiçoso e mostrar que "nós somos capazes de fazer as coisas por nós mesmos".

Caciques e lideranças apoiaram a idéia do livro, facilitando a tarefa de novas pesquisas dos alunos que quisessem refazer ou completar seus trabalhos.

Foi feito um projeto de publicações para o material, que foi enviado para uma organização católica austríaca, Dka Áustria - Dreikönigsaktion der Katholischen Jungschar Österreich, que aceitou arcar com os custos de preparação do material, que incluíram reuniões com os autores e com os caciques e preparação dos originais para publicação; um outro projeto foi enviado para o

programa MEC/ PNUD, que aceitou arcar com a publicação do material.

Depois dos autores revisarem seus trabalhos, estes foram reunidos pelos membros da comissão de publicações. Foi feita então uma última reunião da comissão em Frederico Westphalen (RS), com a ajuda e organização da APBKG, em setembro de 1996, quando o material foi lido e preparado para publicação.

Nessa reunião foram estabelecidas as "partes" do livro, os trabalhos foram corrigidos, alguns foram deixados de lado, os títulos foram mudados e discutiu-se como seria o "jeitão" final do livro. O material foi em seguida trazido para São Paulo, onde foi digitado e editado. As alterações da revisão foram mínimas, procurando-se a fidelidade ao texto original. Foi, em seguida, enviado pronto para publicação em Brasília em fevereiro de 1997.

Na reunião de setembro de 1996 escolheu-se também o título do livro. Com vocês, ***Ẽg jamẽn kỹ mũ***.

André Toral

História do *kujã* e o poder do *jagrẽ*

Nestor Antonio Kavág
A. I. Cacique Doble

João Kanhgág nasceu em 1915, cresceu sem mãe e foi entregue ao avô, Faustino, para que fosse criado, embora seu pai estivesse sempre a seu lado.

Foi seu pai quem lhe ensinou a ser *kujã*, pois ele era o *kujã* da aldeia naquela época, e sempre lhe dizia que iria lhe ensinar quando tivesse nove anos de idade. Nesta idade começou a levá-lo ao mato para lhe ensinar sobre remédios feitos com ervas. O pai aproveitava a viagem e levava um remédio pronto de casa, em líquido, com o qual lavava João. Era tudo segredo entre pai e filho, e João não podia contar a ninguém.

Os nove anos do filho eram importantes, pois seu pai sabia que o menino aprenderia mais rápido se fosse lavado cedo. Às segundas, quartas e sextas-feiras, o menino ia com o pai para o mato e, às doze horas, era usado o remédio principal, nos dias marcados da semana.

O pai de João morreu quando ele tinha dezoito anos; João tomou seu lugar como *kujà*. Os trabalhos de João são ligados aos de seu pai, embora com *jagrẽ* diferentes, pois o guia de João é o vaga-lume, que lhe avisa em sonho o que acontecerá dentro da aldeia, como por exemplo a morte de um índio Kanhgág. Ele também o livra de perigos.

João contou que uma vez foi trabalhar no campo sozinho, mas lá encontrou seus amigos tomando cachaça, e João os ajudou a tomá-la. Ficou embriagado e percebeu que os amigos estavam sendo falsos com ele. Eles eram três, e, percebendo que João estava embriagado, bateram nele, o feriram, o espancaram, bateram em seu nariz, cortaram seu corpo com cacos de vidro, e o sangue se espalhou para todos os lados. Esses amigos sempre o perseguiam, pois tinham raiva de João, que fora cacique durante três anos.

Naquela noite João estava completamente morto, e só em sua visão percebeu um vaga-lume vindo de uma longa distância em sua direção. João estava na valeta, de barriga para cima, e ao seu redor, estavam seus inimigos

e mais três pessoas. João percebeu o vaga-lume se aproximando.

João percebeu quando seu *jagrẽ* sentou em cima de sua barriga, e, ao visitá-lo, deu-lhe nova vida, pois começou a se sentir melhor e se levantou com muita dificuldade. Já de pé, João olhou para os lados e viu seus inimigos se retirarem assustados, enquanto outros três Kanhgág o levavam ao hospital, onde ficou por dois dias. Ao voltar para casa, João se tratou com ervas do mato e logo se recuperou.

Hoje João trabalha com cura de enfermidades. Há horas em que não precisa de seu *jagrẽ*, pois pode usar suas próprias experiências na cura das doenças. João só entra em contato com seu *jagrẽ* quando certas pessoas tem dificuldades ou problemas na família, ou quando algum índio perde seu espírito.

João reza, canta e faz pedidos em seu quarto, que tem muitas imagens de santos.

Hoje e antigamente

Iraci Greja Antonio
Comunidade Ligeiro

Inocêncio Deodoro se tornou *kujã* por causa de uma terrível enfermidade. Durante sua variação, teve uma visão de um gavião que trazia ervas medicinais para a cura. O gavião lhe ensinou sobre todos os tipos de ervas que trazia no bico, com as quais Inocêncio trabalha até hoje.

No resgate de *kuprĩg*, de crianças e adultos, o gavião o leva em busca do *kuprĩg* onde quer que esteja. O *kujã* trabalha com vários tipos de enfermidades, e conforme a doença, usa ervas medicinais ou cura através de benzimentos. Seus guias são os gaviões branco e o preto. O branco o ajuda a cuidar dos doentes, avisando-lhe que remedios deve usar. O preto o ajuda a tratar das doenças mais difíceis, como câncer, tuberculose e doenças venéreas. Quando o *kujã* não puder mais trabalhar, passará seus guias para outra pessoa que possa cuidar e zelar por seus *jagrẽ*.

São muitos os *jagrẽ* associados, como o cachorro, a jaguatirica, o tigre, a cobra, a pomba-grande do mato, os gaviões, a garça, o sabiá, o bem-te-vi, o periquito, a abelha etc.

O *kujã* tem em si a sabedoria divina, que é um mistério, pois quando Inocêncio está sozinho, seu *jagrẽ* lhe avisa que está chegando alguém para pedir benzimento ou cura, ou até mesmo o que está previsto para acontecer com certas pessoas na comunidade.

O tratamento com ervas medicinais também é um mistério. Usa ervas para dormir e para o banho, como *fótir, ka ger, kãtãn, pétor, vỹj, sókrinkre, fó, kamé sá, gig, nár tanh fej, krunũn*, e toma nove banhos de cachoeira durante sete sextas-feiras, com as ervas citadas, sendo que a principal é a flor do coqueiro.

Os *kujã* e os padres aqui têm um bom relacionamento, pois os padres nunca estiveram contra nossos costumes e crenças, e nos ajudaram a preservá-los até hoje. No entanto, com os pastores é bem diferente. Eles acham que as coisas do *kujã* são invenções, e consideram estes trabalhos "coisas ruins".

Antes, tínhamos uma vida saudável, coletando frutas, caças, pescados, nos alimentando com mel de abelhas silvestres e vivendo nossos costumes rituais. Não adoecíamos porque o *kujã* nos protegia. Com a chegada dos brancos nos tornamos escravos do SPI, e com isso perdemos nossas crenças, costumes, rituais e até mesmo as danças do *Kiki*. Desapareceram os clãs e ninguém mais nos ensinou. O *kujã* ficou isolado. O trabalho braçal, distante e cansativo, também contribuiu para isso, e ninguém mais procurava o *kujã*.

Um dia Deus ouviu o *kujã* e tudo mudou. Hoje a Funai nos apoia, e considera nossos costumes muito importantes.

Kamé e *Kairukre*

Os clãs existentes são muito poucos, e somente os mais velhos consideram o *Kamé* e o *Kairukre*. Os jovens não se interessam por isso, e os adolescentes pensam como brancos. Tudo não passaria de "mitos", apesar de tudo ter vindo através de nossos antepassados.

Acima: a marca do clã é posta com um carimbo de taquara no *Kiki* do P.I. Xapecó em 1955 (foto Wladimir Kozack)

Abaixo: os autores do livro e os participantes da reunião de julho de 1996 em Bom Progresso (RS) (foto André Toral)

Acima: **Domingos Ribeiro, que cuidou da alimentação durante o curso de Formação de Professores Indígenas Bilíngües.**

Abaixo: **um dos conhecedores da tradição Kaingang, entrevistado pelos autores deste livro: Ernesto Kaingang, da Comunidade de Ligeiro. (fotos André Toral)**

O temperamento de cada clã é muito importante. O *Kamé*, por exemplo, é uma pessoa confiável, que não gosta de ser traído por pessoas nas quais um dia confiou. Em alguns momentos o *Kamé* é agressivo, muito violento e não perdoa, apesar de geralmente não guardar rancores nem mágoas. O *Kairukre* é bem diferente, alegre e manso; é muito bom de coração.

Os clãs aparecem mais nos rituais existentes na aldeia, como por exemplo na dança do *Kiki* e no enterro de pessoas antigas, quando são pintadas de acordo com seus clãs. Em festas, danças e velórios, os clãs ficam separados e todos são pintados para se diferenciar. Há mistério se, por ventura, num velório, desaparecer a pintura que identifica os clãs *Kamé* e *Kairukre*. Nesse caso, a pessoa certamente morrerá.

Nas festas, as cores dos clãs são vermelho, verde, branco e azul, tirados de madeiras e cipós. *Kamé* são identificados com desenhos *ra téj*, em forma de traços verticais. Os *Kairukre* com desenhos *ra rór*, em forma de bolas. Nestas ocasiões, quem cuida das pinturas de *Kamé* e *Kairukre* são os *pẽj*, que já trazem de casa todo o material necessário para cada momento.

O trabalho dos *pẽj*

Os *pẽj* são encarregados de cuidar das pinturas do *Kamé* e dos *Kairukre* em várias ocasiões, e para cada uma delas há um tipo de madeira que simboliza os clãs. A madeira *kàtãvén* é queimada, e a brasa é usada para dizer *pránhyr*. Neste momento, os *pẽj*, homens e mulheres, pintam os rostos e os corpos dos grupos *Kamé* e *Kairu*, enquanto os grupos ficam em silêncio.

Quando lidamos com os mortos usamos as mesmas pinturas, mas antes de iniciarmos os trabalhos, fazemos uma união. Nas danças e festas usamos pinturas alegres, nos divertimos, bebemos as bebidas tradicionais e comemos todos juntos.

O *pẽj* antigo escolhe o futuro *pẽj* na comunidade, um moço dedicado, que fica conhecido como *pẽj* desde sua mocidade.

Quando o *pẽj* antigo morre, o moço escolhido assumirá o seu lugar, pois desde criança vem se tratando com os remédios do *pẽj*, com banhos de ervas, pintando seus

braços, pernas e seu corpo, e usando remédios para os cabelos, os dentes e os ouvidos.

Quando os *pẽj* dão nomes para os futuros *pẽj*, iniciam com a palavra *ga*, terra, porque eles são os que mais mexem com a terra. Os nomes masculinos são *Gavóg*, *Garój*, *Gatánh*, *Gajá*, *Gaprér*, e os femininos são *Garig*, *Gasó*, *Gatẽ*, *Gasónh*.

Os clãs e a morte

O dia da morte de um *Kamé* é muito significativo. O *pẽj* entoa seu cântico e reza tudo na língua Kanhgág, e os demais *Kamé* levam consigo penas de pássaros, como o *nenh*, *grunh sá*, *sorag*, *sãgso*, para cobrir a sepultura, formando uma espécie de coroa.

Os mesmos rituais são usados para os *Kairukre*, só que os *Kamé* são enterrados com os pés em direção ao nascente do sol, e os *Kairukre* em direção ao poente. Com a morte do *Kamé* sempre há bastante chuva, com trovoadas e relâmpagos. Por isso, quando se ouve trovoadas, ficamos tristes pois sabemos que, em algum lugar, um *Kamé* faleceu. Quando morre um *Kairukre* é

diferente; faz tempo bom naquele dia, e a tarde é bem marcante e triste. Essas coisas até hoje têm seus significados para os clãs.

Quando um *Kamé* morre, sua mulher se guarda por 21 dias num quarto escuro, com o corpo virado para a parede, e se banha com ervas medicinais. Durante os dias da dieta, usa também remédios nos olhos e dorme sobre ervas *krygmẽ*, *vẽnhgran*, *kren tánh kauna*, *kamẽ sa*, guardando-se todos esses dias, pois o espírito do *Kamé* é bastante forte. Ao vencer o tratamento a mulher ficará livre. A viúva *Kairukre* fica resguardada durante sete dias, com o corpo coberto por cobertores, num quarto fechado e escuro, banhando-se com evas e fazendo o mais rigoroso tratamento, pois o remédio é bem forte e poderá afastar o espírito do morto. Como o *Kairukre* é bastante fraco, a dieta dura poucos dias e a viúva se lava, todos os dias de madrugada, com a água de rabo de bugio, areticum verde, acite, cedro, angico branco e ipê amarelo. Ninguém em sua casa pode perceber que a mulher está se tratando de madrugada, mas depois de sete dias estará livre.

Ao casar de novo o *Kamé* nunca deve se levantar primeiro do que sua nova família; só depois que todos levantaram é que ele pode, então, se levantar. Se isso não for cumprido, sua nova esposa morrerá. O *Kairukre*, ao se casar de novo, faz os testes no mato, em cima de uma planta chamada pasto de veado, e o casal se deita e dorme ali. Depois de nove dias voltam ao lugar e, se a erva estiver morta, um deles poderá morrer.

O *Kairukre* sempre se levanta antes de sua família, nunca depois, porque o *Kairukre* é bastante fraco e deve se conservar e levantar antes dos outros da família.

Eu era diferente!

Aldair Nenh Alfaiate
A. I. Guarita

Segundo Vicentina Nijog Ribeiro, ela começou a saber que era curadora quando teve a sensação de que era diferente. Sentia que podia curar doenças do povo Kanhgág. A partir de então, procurou em sua família alguém que possuísse esse mesmo dom, pois era certo que em sua família deveria haver alguém. Sabendo que sua tia Kamuri também curava, teve certeza de que ela também teria o mesmo dom.

Quando perguntou à sua tia Kamuri sobre a possibilidade de ter o dom, Vicentina soube que o tinha, mas teria que esperar sua tia morrer para poder praticá-lo completamente. Kamuri lhe disse então que o dia disso acontecer estava muito próximo.

Vicentina sonhou com um vulto branco no meio do mato, e o vulto queria pegá-la. Ela correu, mas não pode escapar. Foi agarrada pelo vulto, que lhe disse para não

ter medo pois ele já sabia que ela substituiria Kamuri. Quando amanheceu, Vicentina foi contar à tia o ocorrido, e Kamuri disse que isto mostrava como sua morte estava próxima, explicando-lhe, assim, o que deveria fazer.

Primeiro teria que sonhar sete vezes com algo que lhe desse certeza de que estivesse curando alguém ou vendo alguma coisa diferente. Passados alguns meses, Vicentina disse ter sonhado com a cura de uma criança, feita por ela. Em seu sonho a criança estava muito mal, a enfermidade muito perigosa e fatal, mas Vicentina tinha certeza de que poderia curar e tirar essa doença. Começou a rezar para que a doença desaparecesse, a criança ficou curada e Vicentina acordou.

No oitavo dia apareceu uma mulher com uma criança nos braços, procurando a tia de Vicentina para que a curasse. Kamuri não estava. A mulher estava desesperada com seu filho à beira da morte, e Vicentina rezou pelo doente. Quase não acreditou quando viu a mulher feliz e a criança sorrindo novamente. Desde este dia Vicentina soube, com toda certeza, que poderia curar as pessoas.

Soube também que não é nenhum espírito que vem ajudá-la, mas sim Deus, o Criador do Universo. Isto lhe dá certeza de que pode curar mesmo as mais terríveis doenças do povo Kanhgág. Desde que sonhou até hoje, Vicentina nunca fez mal a ninguém, mesmo sabendo que pode. É por esta razão que acredita em Deus.

Vicentina não se considera uma *kujã*, somente uma pessoa que cura, pois um *kujã* pode tanto fazer o bem quanto o mal.

Como um Kanhgág se torna *kujã* e para que

Armandio Kãnkõr Bento
Comunidade Irapuá, A. I. Guarita

Existem algumas informações sobre o *kujã*, o antigo médico, um tipo de astrólogo dos Kanhgág. Para informações mais precisas, fomos procurar nossos pais e avós. No entanto, poucas pessoas ainda guardavam informações sobre esta pessoa tão importante, antigamente considerada um ser sobrenatural, já que possuía o poder dos espíritos. Os *kujã* tinham o apoio geral na aldeia em que viviam, além de conhecer todas as ervas medicinais encontradas na região.

A princípio, o *kujã* tinha um poder muito grande sobre seu povo. Tinha cuidados para com sua aldeia, fornecendo informações lógicas para os seus súditos, informando sobre os perigos que rondavam a aldeia, ou mesmo quando chegaria uma doença ou quando o povo deveria ir pescar ou caçar com sucesso.

Geralmente o *kujã* é da família dos *Kamé*, uma das maiores famílias do povo Kanhgág. Os Kanhgág se compõem por duas famílias, a dos *Kairukre* e a dos *Kamé*. Os membros da família *Kamé* podem se tornar *kujã* por serem pessoas calmas, que podem entrar em contato com os espíritos indígenas facilmente. Todos os filhos de *Kamé* têm mais condições de ser *kujã*.

Partindo deste princípio, o *kujã*, quando sente a morte chegando, busca o novo *kujã* entre seus filhos. Procura aquele que tenha condições e interesse em continuar o trabalho e o caminho do pai.

Para identificar entre seus filhos aquele que será seu sucessor, o *kujã* se baseia em seus sonhos e em conversas com espíritos que lhe indicam qual dentre eles tem realmente interesse pelo trabalho. O escolhido será o mais novo médico e astrólogo Kanhgág, e será dele o dever de manter a paz, a sorte na pesca e na caça, a preocupação com a saúde de seu povo. O *kujã* deverá amar seu povo, nunca desejando mal aos seus súditos, somente aos seus inimigos.

Antigamente, o *kujã* tinha mais poder do que o próprio chefe sobre o povo, buscando sempre o melhor caminho contra os azares e perigos que os índios pudessem correr. O filho escolhido para se tornar *kujã* deve tomar chá de cacho de coqueiro durante três dias, uma vez por dia, antes de abrir a capa que cobre o futuro de cada côco. O futuro *kujã* sonhará, e lhe será revelado qual o dom de sua cura. O resto do chá é colocado em todos os cantos de sua casa para proteção contra os maus espíritos.

Geralmente os *kujãs* rogam a seus espíritos em épocas de seca e enchentes. Nessas cerimônias, o *kujã* convoca todos os seus súditos para apoiar suas necessidades. Os espíritos invocados são representados por diversos animais da mata. Quando o povo corria perigo de ataque inimigo, o *kujã* invocava os animais mais ágeis e perigosos, como o tigre, *mĩg*, a cobra, *pỹn*, e outros. Quando havia algum problema de saúde, animais específicos representavam a cura para cada enfermidade, além das ervas para o tratamento das doenças e feridas.

Hoje não existe mais *kujã* no Posto Indígena Guarita porque as religiões dos colonizadores caracterizaram a

religião dos Kanhgág como "desumana", não passando de uma "louvação aos demônios".

Kujã fi tỹ ũ mỹ̃ touãnh ke kãme

Dorvalino Refej Cardoso
Comunidade Votouro

Jagnĩgri fi tóg tỹ. Kujã nĩ, Votor ki. Fi panh kófa tóg fi mỹ̃ tovã ja vẽ, ti mỹ̃ fi tóg nỹ̃ ja nĩ. Fi mỹ̃ tóg, ã tỹ̃ mỹ̃nh tũ nĩn ke mũ, ã tỹ̃ to nén ũ mãn kỹ̃ koj fã jé ke tóg mũ.
Nẽn mán, Kusa ra tóg fi pere tĩ mũ ser, kuty tá.
Fi pi je mũmẽn mũ, fi panh kófa tóg fypóprã ke mũ.
Jãnh fej tỹ̃tóg fi mron mũ ser, kar fi tóg kron mũ ser.
Kỹ̃ tóg fi mỹ̃, vaj kỹ̃ ũ fi tóg ã ki jun, fi krẽ mãn kỹ̃ fi tóg jun mũ.
Kỹ̃ to jãn nĩ, ke tóg mũ.
Kysã tỹ̃ agosto, kar prỹ̃n tỹ̃ 1955 kãki ke vẽ. Kysã tỹ̃ ga ki jur kã ke vẽ, ti tỹ̃ fi mron ja ti.
Fi jagrẽ tóg tỹ̃ mĩn kusũn nĩ.
Fi Santo tóg tỹ̃ N. Senhora da Conceição, S. Jorge, S. Sebastião, S. Antônio, nỹ̃ tĩ. Kurã tỹ̃ S. Sebastião kã, fi tóg vẽnhkagat génh kỹ̃ vin han tĩ, fi tỹ̃ néj fã jé. Kysã ta ga ki jur kã.
Gir kẽnh még tóg ti ki puj ke kỹ̃, fi jagrẽ tóg jãvãnh kỹ̃, makãtin kỹ̃ kãkã fẽn mãn tĩ.

Gir kagyga mỹ fi tóg huj. mrur ger. karug`mág pũn tĩ.
Ti nĩja kri fi tóg gir venven ke tĩ. Kysã ta ga ki jur kã fi tóg venhkagta pũn tĩ.
Kófa fi tóg nĩ ha. kanẽ tũ. kỹ fi tóg tovãnh ke nĩ ha.
Isỹ mỹ tovãnh ke. vén sa nĩ ha ke fi tóg tĩ.
Pi jẽgjẽr nĩnh. kaga kamo. pég 'me kamo nĩnh ke fi tóg ti.

O *kujã* e as almas perdidas

Valmir Cipriano Jẽsĩ
Comunidade Inhacorá

Para ser *kujã* é preciso seguir alguns passos. Por exemplo, ser um *Kamé*, porque esses são mais compreensíveis aos problemas familiares, ou ser um *Kairukre*, desde que tenha vontade e possa amar muito as famílias. Depois, é preciso cortar uma flor nova de coqueiro, socá-la junto a uma nascente ou vertente, fazendo um tipo de suco que deve ser tomado três vezes ao dia, por três dias seguidos. Durante estes três dias, deverá ter um sonho e, caso não sonhe, a pessoa não está habilitada a ser um curador, ou *kujã*.

Vamos ver a história de Kajer Mỹ, *kujã* de Inhacorá, que conta sua vida:

" Eu, no primeiro dia depois de ter tomado o suco, dormi e sonhei com uma mulher, a qual não pude identificar, e que tinha uma criança no colo. A partir daquele momento comecei a benzer e a curar as crianças e as pessoas da

comunidade, usando também os remédios e ervas do mato.

" Através de sonhos, previa as possíveis doenças que afetariam a comunidade, embora, às vezes, nem os remédios do mato e a benzedura pudessem resolver, porque as pessoas doentes não estavam com seu espírito no corpo. Minha mulher me ajudou muito quando comecei a ser *kujã*. E existem também os meus *jagrẽ*.

" São muitos os *jagrẽ*, espíritos associados, que um *kujã* pode ter, pois existem vários *kujã*, todos com diferentes funções. A minha é curar e ajudar as pessoas, e então meu *jagrẽ* é uma vela de qualquer tipo. Através do *jagrẽ* posso ler todos os problemas e pensamentos de uma pessoa, além de prever ou confirmar um sonho. Por exemplo, posso sonhar com uma criança que está mal num hospital e, através da vela, posso confirmar ao pai se ela vai ou não morrer. Por isso eu queria que cada família tivesse uma vela para que eu pudesse prever e prevenir seus problemas.

" Alma perdida significa que o espírito não está na pessoa, e sim vagando pelo mundo dos mortos. É o

encontro de um espírito humano vivo com o espírito de uma pessoa morta, geralmente um membro da família, quando o espírito do morto segura ou convence o espírito vivo a ficar no mundo dos mortos.

" O tratamento desses casos é muito difícil porque não envolve apenas a minha pessoa, mas também minha mulher. Qualquer coisa que dê errado entre eu e ela aprisionará para sempre o espírito humano no mundo dos mortos.

" Durante o período de aprisionamento do espírito a pessoa se sentirá fraca, muito triste, se lamentará e terá muitas saudades daquela pessoa morta; se envolverá com bebidas alcoólicas e sonhará muitas noites com aquela pessoa.

" É preparado um banho com flor de uma guajuvira, e são marcados os dias necessários para esta pessoa tomar os banhos, geralmente uma semana de banho para um mês de aprisionamento da alma humana. A cada dia, o banho deverá ser preparado com uma nova flor de guajuvira, sendo que, para a alma masculina, é preparado por minha mulher, e para a alma feminina, por mim.

" Durante o tempo em que durar o tratamento, eu e minha mulher fazemos uma promessa a um tipo de passarinho, e, todos os dias antes do pôr-do-sol, devemos encontá-lo num lugar determinado, que deve ser diferente para mim e para minha mulher. Caso o passarinho não apareça no lugar marcado, se entoará uma canção, e se for errada uma frase, a alma ficará mais uma semana aprisionada. Se o passarinho não aparecer é porque a alma morta não está deixando a alma viva, e o trabalho a ser feito pelos curandeiros fica mais elevado, com jejuns e cantos antigos, sendo diferenciado o trabalho entre *Kamé e Kairukre*".

O dia marcado pelo *kujã* para o pagamento de promessas é seis de agosto, quando é feita uma festa pelos membros do grupo que obtiveram resultados com trabalhos durante o ano. É levantado um mastro diferenciado a cada ano.

Nas áreas indígenas existem também outras religiões, e o relacionamento entre os pastores das igrejas e os *kujã* é muito difícil, pois as pessoas não acreditam mais nos trabalhos dos curandeiros, e sim na "salvação" da igreja. Quando os índios recorrem ao hospital a culpa é dos pastores brancos que, através de sua pregação nas

igrejas, convencem os Kanhgág a não se tratar com os *kujã*.

O padre católico respeita nossa religião, assim como o pessoal da Funai, e por isso é possível o *kujã* colocar remédios de ervas na enfermaria do Posto Indígena de Inhacorá.

A homenagem ao *kujã*

Iraci Miguel
Comunidade de Inhacorá

No dia seis de agosto se comemora a festa do *kujã* na Área Indígena Inhacorá, município de São Valério do Sul (RS). Os Kanhgág comemoram esta data porque o *kujã* promete uma festa a seu Deus. Este é também o dia em que sonhou que seria *kujã* da tribo.

No ano de 1995, foi realizada uma das maiores festas de minha carreira como cacique. Faltando um mês para o dia da comemoração, o *kujã* chegou a mim e disse:
- Meu filho, você está pensando sobre o dia seis de agosto?
Eu lhe respondi que sim, que ele não se preocupasse com isto.

Depois de conversar com o *kujã*, reuni minha liderança para programarmos esta festa tão importante para os Kanhgág. Concluimos que cada família da comunidade, obrigatoriamente, contribuiria com donativos,

independente de sua religião, já que a festa seria para toda a comunidade de Inhacorá.

Foi estipulado que a doação seria feita em galinha ou dinheiro e, depois da reunião as autoridades passaram de casa em casa para recolher. Foi conseguida uma boa quantia. Quando faltavam cinco dias para a festa, o *kujã* veio novamente à minha casa para se certificar de que eu me preocupara mesmo com a comemoração. Eu lhe disse novamente que estava tudo pronto e que eu não estava fazendo mais do que minha obrigação de cacique para com o *kujã*.

A três dias da festa convoquei a comunidade para explicar a importância do *kujã* e de que maneira havíamos conseguido as coisas para a festa. Aproveitei a ocasião para agradecer às pessoas que ajudaram com os donativos.

No dia da festa o *kujã* me chamou pelo nome, Iraci, e me pediu para apanhar um foguete e soltá-lo para o sul em comemoração à vitória obtida pela Comunidade na conquista da Área da Estação Experimental, e que ocorrera em seis de agosto.

O *kujã* me abraçou, começou a chorar, e me disse para continuar assim perante a comunidade. Disse também que, enquanto estivesse vivo, ficaria ao meu lado.

Durante a festa algumas pessoas me abraçaram e também choraram pela vitória e pela organização da festa.

A festa do mastro em Inhacorá

Valmir Cipriano Jêsĩ
Comunidade de Inhacorá

No dia 5 de agosto de 1994 foi realizada a festa do *kujã* Antonio Miguel Kajẽr Mỹ, prevista todos os anos para o dia 6 de agosto, mas antecipada por causa de compromisso do conjunto musical.

Esta festa foi cooperada por 24 famílias. Todas elas, de um jeito ou de outro, pediram trabalhos realizados pelo *kujã* entre 7 de agosto de 1993 e 5 de agosto de 1994. O número de famílias pode aumentar ou diminuir para o próximo ano.

Um coordenador escolhido pelo grupo trabalhava diretamente com o *kujã* preparando a festa, discutindo as necessidades relacionadas à liderança indígena e concentrando o dinheiro da cooperação. As galinhas, se estivessem vivas, eram entregues ao *kujã*; se estivessem prontas, eram guardadas em geladeiras. Os foguetes ficavam com o *kujã*. Um deles era presente do *kujã* para

os *jagrẽ*, que o ajudavam nas horas difíceis; outro era lançado para saber o futuro das pessoas ou das famílias. E assim os foguetes eram soltados durante a festa.

A liderança colaborou com pães e refrigerantes, pois também haviam pedido ajuda ao *kujã*, que auxiliou todos os membros da comunidade e os protegeu quando foi invadida e reconquistada a Estação Fitotécnica Experimental das Terras do Toldo Indígena Inhacorá, no município de São Valério do Sul.

Foguetes convidam os *jagrẽ* e a comunidade para a festa

Às 6:53 da manhã soltaram três foguetes para anunciar, e ao mesmo tempo convidar, os *jagrẽ* e a comunidade para a festa. Às 8 horas uma menina foi chamada para receber os convidados juntamente com o *kujã*, e para dar um *jãnka* ou *jãnkankan* para cada membro da comunidade. Esse *jãnka* é uma fita que a pessoa deve usar para ser protegida contra doenças, ter sorte e, principalmente, nunca fazer mal ao seu próximo. A cor da fita é muito importante, pois ela é que diferencia um *kujã* de outro.

Às 10:20 o pessoal que estava presente foi reunido, e o *kujã* relatou a importância daquele dia:

" É com muita alegria que estou com vocês nesse momento, e quero agradecer, do fundo do meu coração, a vocês que se esforçaram para que esta festa acontecesse nesse dia. A festa é muito importante porque não é feita nem imposta por mim. Ela acontece há vários anos, desde quando as farmácias nessas terras eram ainda desconhecidas e tínhamos que usar ervas do mato para curar doenças".

O *kujã* prosseguiu:

" Houve um tempo em que precisavam de pessoas especiais para lidar com as ervas, e também haviam pessoas que precisavam de proteção espiritual, como os viúvos, viúvas e *pẽj*. Surgiram então entre os Kanhgág, os *kujã*, que até agora, graças a vocês e à liderança, temos conservado essa tradição de muitos anos atrás. Por isso a minha enorme alegria e emoção ao lembrar disto, porque meu pai, já falecido, também foi *kujã*, e nesse momento se encontra nesta nossa festa. Mas também vejam que este ano não foi possível levantar ou trocar o mastro, porque, neste ano, não dedico para os meus *jagrẽ*, mas sim para um futuro melhor para a comunidade,

em relação à agricultura. Por isso resolvi continuar com o mesmo mastro e apenas colocar junto dele algumas sementes."

Foram, então, colocadas sementes de feijão, milho, abóbora e melancia, próximas ao mastro.

Depois disso, às 11:10, foi servida a primeira rodada de bebidas, vinho, para todos os presentes; para a comunidade evangélica, foi servido refrigerante.

Ao meio dia a mulher do *kujã* convidou a comunidade para distribuir o churrasco, que era acompanhado de um refrigerante e um pão por pessoa.

Na parte da tarde a festa foi transferida para o clube da comunidade.

No clube, às 14:30, foi colocado som mecânico para animar o pessoal enquanto o conjunto não chegava. Para a alegria do pessoal, o conjunto chegou às 18:15 e foram pedidas muitas músicas. Depois de instalados os aparelhos, o conjunto fez uma amostra do que seria o

O professor Valmir Cipriano e seus filhos junto ao tronco utilizado pelo *kujã* na festa do mastro em Inhacorá (São Valério do Sul, RS). (foto André Toral).

Dorvalino Refej (acima) e Pedro Kresó (abaixo): autores de trabalhos sobre o *kujã* e o ritual do *Kikı*.(fotos André Toral)

baile, tocando três músicas para o pessoal, parando depois para o jantar.

O *kujã* cumpriu o que prometeu

No intervalo a liderança sentiu necessidade de colocar ordem no clube, coisas que sempre acontecem quando há promoções na comunidade. Tomou a palavra José da Silva, o delegado indígena de Inhacorá:

" Comunidade, hoje estamos reunidos numa grande alegria, e é isto que espero para nós em todas as promoções que por ventura venham acontecer. Nossa presença aqui é para lhes dar tranquilidade, já que os policiais não estão aqui para tomar bebidas alcoólicas, e sim para resguardar a comunidade. Caso alguém passe dos limites, peço a colaboração da família de cada um para acalmar a pessoa, juntamente com minha liderança, porque estamos aqui para reunir cada vez mais a comunidade. Caso aconteça algum problema com os policiais, amanhã mesmo serão corrigidos pela lei exposta a vocês. Esqueçam os problemas e não se preocupem, apenas se divirtam porque o conjunto é muito bom." Assim finalizou o delegado da comunidade de Inhacorá.

Angelo Miguel, falecido em dezembro de 1995, em defesa da terra Kanhgág, falou representando o Conselho:

" Mais uma vez estamos reunidos no nosso clube. Mas para quê isto? Para ver um grande baile? Mas, baile de quê, quem ou para quê? Este baile é de todos que, juntamente com o *kujã*, trabalharam em favor das famílias, daqueles que lutaram para que acontecesse esta grande promoção, daquele que prometeu aos seus *jagrẽ* uma festa, e também dos outros que prometeram ao *kujã* uma grande festa. Hoje é o grande dia. O *kujã* está muito feliz porque cumpriu o que prometera, assim como aqueles que lhe prometeram conseguiram realizar o baile com muito sacrifício, e brindam a todos com esta promoção e com este grande conjunto. Isto não deverá acabar, porque estamos bem unidos e não dependemos de outras forças. Sei que isto há de continuar, pois nunca sabemos quando a doença atacará, e nesses momentos, recorremos ao *kujã* para nos atender e para atender os membros de nossa família. E ele está de braços abertos para receber e nos indicar o que procuramos."

Assim finalizou o conselheiro.

O conjunto já estava presente para animar o baile, quando chegou o cacique Iraci Miguel, que falou:

" Agradeço a todos os que lutaram para que houvesse esta bela promoção, trazendo aqui um grande conjunto, brindando toda a comunidade, e por isso peço para deixarmos o conjunto à vontade e irmos nos divertir. Que os visitantes possam levar daqui uma grande amizade e, acima de tudo, o respeito que tem esta comunidade. O baile começará agora, às vinte e uma horas e trinta minutos, e será finalizado às duas horas e trinta minutos da manhã. Assim, teremos cinco horas de música. Com vocês, o conjunto Serenata Jovem de Miraguaí."

Assim começou o baile do *kujã* Kajẽr Mỹ, em 5 de agosto de 1994. O próximo será em 6 de agosto do ano que vem, se Deus assim permitir.

O sonho de ser *kujã*

Rogério Antonio Kagỹnh
Comunidade Ligeiro

Inocêncio Deodoro mora na A. I. Ligeiro, e me contou sobre o que aconteceu para se tornar um *kujã*. Dormindo, sonhou que seria um *kujã*, mas não sabia como isto aconteceria. Resolveu então, contar o sonho para um outro *kujã* mais velho. Este mandou que Inocêncio esperasse para saber das plantas medicinais, das rezas e muitas outras coisas que deveria conhecer. Ou o *Topẽ* iria visitá-lo, ou um bicho falaria com ele, ou ele, caminhando, iria perceber as coisas.

Inocêncio contou que o *Topẽ* o visitou no segundo sonho, e lhe ensinou sobre plantas medicinais e rezas.

Inocêncio disse que não tem *jagrẽ*, e que nos trabalhos que faz, quem o ajuda é o Deus, o *Topẽ*, e os santos que tem em casa. Num trabalho de identificação de doenças, quando tem um problema ou quando viaja para ver as

coisas, quem o ajuda é o *Topẽ* e os santos. O tratamento de qualquer doença leva apenas três dias.

Para seu Inocêncio, as outras religiões são todas inventadas pelos homens, como por exemplo, as igrejas dos crentes, que são contra o seu trabalho, instaladas nas aldeias indígenas. Quando as pessoas ficavam doentes procuravam o *kujã* , mas agora preferem ir à igreja.

O surgimento do *kujã*

Gelson Vergueiro Kagrẽr
Setor Vila Alegre, A. I. Nonoai

Certa vez um índio se lavou com remédio do mato, com a flor do *tẽnh mó*, coqueiro, e se deitou para que os *jagrẽ*, espíritos, viessem até ele. Esses espíritos viriam através do tigre, *mĩg*, e ainda através do *grun*.

Quando este homem se deitou no mato para esperar o *jagrẽ*, veio o tigre e pulou sobre ele, que gritou muito. Então o *jagrẽ* lhe disse que, a partir daquele momento, ele seria seu subordinado, e que para fazer remédios devia procurá-lo. O homem estava recebendo a sabedoria do *jagrẽ* e seria então um *kujã*. Mas o homem recebeu também a visita do *grun*, que representava o bem. Passou então a ser *kujã* tanto do bem quanto do mal.

O *jagrẽ* lhe disse que deveria procurar *jeg jóg* e *nér jór*, e se lavar com eles, como remédio, para que também pudesse cuidar das crianças do povo Kanhgág. Assim

surgiu o *kujã*, que passou a trabalhar com os remédios do mato. Quem lhe mostra os remédios e como prepará-los são os *jagrẽ*, espíritos que podem ser o *mĩg* ou o *grun*.

Os *kujã* devem sonhar com o que vai acontecer; em certos casos nem precisam sonhar, pois os *jagrẽ* lhes mostram os remédios e ensinam como fazer.

Mĩg e *grun* são dois espíritos diferentes. O *mĩg* representa o mal, pois o tigre é uma fera muito brava. O *grun* não é bravo e representa o bem. O *kujã* que receber só o *jagrẽ* do *mig* torna-se um *kujã* do mal, o que é mais complicado, pois não pode faltar com esse *jagrẽ*. Se sonhar, deve fazer o que ele manda imediatamente; caso contrário, ele pegará os filhos do *kujã*. O que receber o *grum* é mais tranquilo e só faz o bem para seu povo, cuidando principalmente das crianças.

Quando está por vir uma doença ruim, o *kujã* sonha e o *jagrẽ* lhe mostra qual a providência a ser tomada e quais os remédios que deve preparar. O *kujã* prepara e pede para que sejam trazidas todas as crianças para serem lavadas com ele.

Tanto *Kamé* como *Kairukre* podem ser *kujã*. São cunhados e se ambos fizerem o mal, será muito ruim para os Kanhgág.

Para os *kujã* do mal, os remédios são outros, e se um *Kamé* e um *Kairukre* forem *kujã* do mal, os dois serão *jỹmré*, jogando o mal um contra o outro.

Se um *kujã* sonha com o tigre, ele manda pegar o *jagrẽ* de outro *kujã*, que é o *grun*. Mas, se o *kujã* do *grun* percebe o mal através de sonhos, se prepara para mandar o mal de volta através de um *grun* que representa o bem. Um dos remédios usados para proteger as crianças do mal é lavá-las com barro vermelho.

Só existem dois *kujã*. Eles são cunhados, *jỹmré*, e um será *Kamé* e outro *Kairukre*. Um deles deve ter mais facilidade para ser *kujã* e será muito forte.

Os *kujã* podem escolher o que querem fazer, como cuidar das crianças da aldeia, de seu povo, ou ser *kujã* do mal e só fazer isso.

O que tem mais facilidade para ser *kujã* é o *Kairukre*, que pode se tornar muito forte e poderoso, pois tem mais facilidade em se comunicar com seus espíritos, *jagrẽ*, dos quais se serve.

Essa pesquisa foi feita através de uma entrevista com o velho Lourival Kukrũ Sĩ Matias, do setor Vila Alegre, Nonoai.

Para que servem os *jagrẽ*

Alcides Jacinto Mũrenh
Setor Pinhalzinho, A. I. Xapecozinho

Raulzinho Kemuprag contou que, para se tornar *kujã*, ele sonhou que estava fazendo uma cura. Nesse sonho apareceu Rengá, um velho que já era *kujã*, e disse-lhe que ele também poderia ser um *kujã*, ensinando-lhe um remédio, *fir* ou guamirim, com o qual teria que se lavar.

O *kujã* pode ser tanto homem quanto mulher. A pessoa deve ser iniciada por um *kujã* mais velho, que lhe mostrará os remédios que deverá tomar e se lavar para receber seu *jagrẽ*. O remédio deve ser usado durante nove dias. Rengá Kanhgág explicou a Raul que, cumprida esta prescrição, o *jagrẽ* vem ao encontro da pessoa. A pessoa que tem um *jagrẽ* deve evitar matar animais daquela espécie. Se o *kujã* tem como *jagrẽ* um gavião, e mata um gavião qualquer, está matando seu próprio *jagrẽ*.

Os *jagrẽ* são os donos ou espíritos dos animais, e se tornam companheiros dos humanos. Eles podem se aproximar das pessoas e oferecer a elas seus préstimos, como por exemplo, o dom de curar uma moléstia. A pessoa que recebe o espírito do animal não pode, entretanto, falar explicitamente sobre este encontro. As outras pessoas devem solicitá-la, perguntando se ela sabe benzer. Só nesse caso poderá fazê-lo.

Os índios mais velhos se utilizavam sempre desse ardil para saber se alguém possui o poder de curar, para que possam se beneficiar através da crença no espírito do animal. Por simples intuição, crêem haver um ente criador de tudo, ao qual dão o nome de *Tupã*.

O benzedor de Guarita

José Nĩnsu Sales
Setor Redentora, A. I. Guarita

Essa entrevista foi realizada em dezembro de 1995, com o benzedor da região, o senhor Pedro de Oliveira, com cinquenta anos de idade e morador da A. I. Guarita. Pedro conta que, quando tinha aproximadamente sete anos de idade, seu finado pai, Pedro Oliveira da Motta, também benzedor e com cinquenta anos na época, resolveu passar a ele os dons maravilhosos da cura.

Foi difícil para Pedro se aperfeiçoar neste trabalho, pois tinha que observar certas regras rígidas, obrigando-o a trabalhar desde muito cedo. Com sete anos de idade começou a se dedicar ao trabalho. Não poderia se casar, e deveria se comportar muito bem diante da comunidade, porque assim conseguiria conquistar a confiança do povo Kanhgág.

Pedro aprendeu muitas rezas e cantos e, à medida que foi crescendo, aprendeu também sobre as ervas medicinais

que usaria em seus trabalhos. Hoje ele continua trabalhando com isto, apesar de estar desestimulado pela presença das igrejas evangélicas. Atualmente, somente algumas pessoas procuram Pedro para expor seus problemas.

O benzedor faz promessas a São Pedro, São João e Santo Antonio, pedindo-lhes ajuda. Quando chega os dias desses santos, Pedro faz um banquete e convida todos os seus clientes para confraternizar neste grande dia.

Eu mesmo procurei o benzedor há alguns anos atrás, e expus-lhe um problema muito sério de feridas nos lábios superior e inferior que nunca saravam, apesar dos medicamentos que tomava. Pedro fez um benzimento para mim e o resultado foi extraordinariamente satisfatório.

Sobre o *Kiki*

Ronelson Foráj Luiz
Comunidade de Pinhalzinho, A. I. Xapecó

Antes da realização do *Kiki*, os *Pà'ĩ*, donos do *Kiki*, enviam dois mensageiros, um *Kamé* e outro *Kairu*, às aldeias amigas, avisando-as que acontecerá o *Kiki* e convidando-as para vir participar da festa. Os mensageiros devem dizer aos convidados o dia exato que devem chegar. Os donos do *Kiki*, aqueles que celebram seus parentes, devem providenciar os alimentos, sejam eles em forma de caça, coleta ou compra. Os *Pà'ĩ* têm obrigação de cuidar do bem estar de seus convidados, e muito especialmente da alimentação, bebida e agasalho dos rezadores.

Para os preparativos iniciais, um grupo de pessoas da metade *Kairu* se organiza, com mais ou menos um mês de antecedência, e retira um tronco de aproximadamente sete metros de comprimento, de preferência de um pinheiro araucária de um mato ou capão próximo da aldeia. O tronco é levado até o lugar onde será realizado o *Kiki*, e posicionado no sentido leste-oeste. Escava-se

até que se forme um cocho. A próxima etapa é abastecer o cocho com a bebida do *Kiki*, a cachaça e o mel.

Em frente ao cocho são montadas seis fogueiras, também alinhadas no sentido leste-oeste, numa distância de três a quatro metros entre cada uma, cujos fogos são sustentados por nós de pinho. Os "três fogos " a leste são rodeados pela metade *Kairu*, e os outros três pela metade *Kamé*. Os *pẽj* circulam entre ambos os fogos.

Procissão ao cemitério

Então acontece a procissão ao cemitério. Os *Kamé* entram no cemitério e os rezadores caminham até as sepulturas dos mortos *Kairu* a serem lembrados. Ficam em volta das sepulturas, cantam, tocam, e todos acompanham com seus instrumentos, ao mesmo tempo em que dançam dentro do ritmo do som e do canto. A dança é feita com um passo à direita e outro à esquerda, e assim sucessivamente, com os dois braços levantados à altura do peito e dirigidos para frente, acompanhando os movimentos de todo o corpo.

Às vezes os rezadores percorrem uma sepultura atrás da outra, cantando e agitando seus maracás. As cruzes são "plantadas" sobre as respectivas sepulturas, e é finalizada a sessão de rezas. Em cada túmulo uma pessoa recolhe um pequeno ramo ou um pedaço de madeira sete-sangria, e joga para fora do cemitério; se for para o lado oeste, a planta pode ser de outra espécie. Esse ato tem como objetivo fazer com que os espíritos dos mortos fiquem em paz e não voltem a "incomodar" seus parentes vivos.

Os *Kamé* se retiram do cemitério, e só então os *Kairu* se dirigem para as sepulturas *Kamé* a serem lembradas, e prosseguem de forma semelhante ao grupo anterior. Entretanto, as rezas são particulares, e a espécie da planta cuja parte é jogada para fora do cemitério, para o lado leste, é o pinheiro.

O *Kiki* permanece

Pedro Kresó
A. I. Xapecó

Entre os dias 10 e 18 de abril de 1993, se realizou a tradicional festa do *Kiki* dos povos Kanhgág, ou Coroados, na comunidade indígena de Xapecó, Santa Catarina. A festa do *Kiki* é uma coisa muito antiga para os Kanhgág, e vem sendo executada há séculos com muita seriedade. O *Kiki* é a garapa colocada no cocho.

A cerimônia do *Kiki* se inicia com os três fogos que duram três noites. No dia dez de agosto se iniciou, às oito da noite, o primeiro fogo, e para isto foram estudados e esquematizados os trabalhos do *Kiki*.

Existem os cabeças do *Kiki*, ou os *Kikizeiros*, grupos de pessoas que têm parentes mortos, filhos, irmãos, pais, avós, tios, primos, e participam do *Kiki* para que o parente morto vá para o *numbɛ̃*, ou "a glória" como dizem os crentes. Então, nos primeiros fogos, junto com os cabeças, estão os rezadores, *jõnjõn tĩ ag*. Existem

também os símbolos, as marcas, *rá*, de cada clã, *Kamé* e *Kairu*, que são pintadas nas faces dos dois grupos.

Os rezadores estão divididos em grupos, um para os *Kamé* e outro para os *Kairu*. Os *jõnjõn tĩ ag* dos *Kamé* ficam no fogo dos *Kamé*, e os do *Kairu* no fogo, *pĩ*, *Kairu*.

Os fogos *Kamé* e *Kairu* se iniciam com nós de pinho, *kónshé*, e é preciso que *Kamé* e *Kairu* juntem os nós para o fogo. O *Kamé* junta os fogos para o *Kairu*, e os *Kairu* para os *Kamé*. Ambos fazem o fogo para a metade oposta. O fogo *Kairu* fica para o lado do nascente do sol, e o do *Kamé* para o lado do poente, onde o sol descamba.

Os cabeças do *Kiki* servem a bebida à noite no fogo. Os *Kamé* oferecem a bebida para os *Kairu* com orações e músicas, e vice-versa. A bebida que se toma e que está sem reza se chama *ku tú tỹ jẽ*. Não se pode beber da bebida sem que os rezadores, *jõnjõn tĩ ag*, façam as orações.

O primeiro fogo *Kamé* e *Kairu* é para derrubar o pinheiro para o cocho da bebida. O pinheiro não pode ser

derrubado nem trazido sem rezas. Antigamente, a bebida era feita de mel de abelha e frutas que fermentavam durante sete dias. Mas, devido à destruição de nosso ambiente, hoje é difícil encontrar mel de abelha, e por isso a bebida foi substituída por cachaça com açúcar e fermento, mas não se deixa muito dias fermentando para não enfraquecer o *Kiki*.

Depois do primeiro fogo, se realiza o segundo, pois já se derrubou o pinheiro e o cocho está pronto. O terceiro fogo é feito para encerrar a tradicional festa do *Kiki*.

O dia de tomar *Kiki*

O dia seguinte já é o dia de se tomar o *Kiki* do cocho.

Os símbolos ou marcas, *rá*, são de suma importância. São muito antigos e distinguem *Kamé* de *Kairu*. O *rá* é usado como identificação de *Kamé* ou *Kairu* desde quando a pessoa nasce, de acordo com o nome indígena que recebe no batizado, colocado por uma pessoa idosa da comunidade. No dia 18 de abril, todas as pessoas foram marcadas com o *rá*, tanto *Kamé* como *Kairu*, para acompanhar os rezadores, *jõnjõn tĩ ag*.

Para as marcas são feitos carvõezinhos. Os do grupo *Kamé* são feitos com lasquinhas de pinheiro queimadas no fogo e depois umedecidas. Os do grupo *Kairu* são feitos com madeira sete sangria, *kẽgfun*. A índia velha *Kamé* marca todo o grupo *Kairu*, e a velha *Kairu* marca os *Kamé*, conforme o nome do mato ou nome indígena.

Os rezadores do *Kamé* e seu grupo, mais os do *Kairu* e seu grupo, saem para buscar os crucifixos dos *Kamé* e *Kairu* falecidos, e os levam até o cemitério, com rezas, orações e músicas. Primeiro sai o grupo *Kamé*, depois o *Kairu*.

Quando o grupo chega ao cemitério, algumas pessoas escaladas pelos rezadores entram para procurar as sepulturas onde serão colocados os crucifixos. Achadas, são colocadas ramas, *pã kri*, em cima delas e, na sepultura *Kamé*, é colocada grimpa de pinheiro, e na *Kairu*, ramas de sete sangria.

Começa a dança no cemitério

Inicia-se então a dança do cemitério do grupo *Kamé* em cima ou ao redor das sepulturas dos *Kairu*. Depois, saem

do cemitério em direção à garapa, o *Kiki*. Tudo isso com rezas, orações e músicas. Após a saída dos *Kamé*, o grupo *Kairu* segue em direção ao portão do cemitério para realizar sua dança, que é um pouco diferente dos *Kamé*, já que o *Kamé* dança andando, em pé, ao redor do cemitério. Os *Kairu* se sentam em grupo e ficam rezando, com chocalhos, *sagsá*, e instrumentos musicais. Depois disso também vão ao *Kiki* do cocho.

Todas as pessoas no caminho cortam ramas compridas, taquaras com folhas e outros. São acendidos os fogos *Kamé* e *Kairu*, antes das pessoas começarem a dançar. Colocam-se as folhas de xaxim no chão para as pessoas descansarem um pouco, depois iniciarem a dança e tomarem o *Kiki*.

Na dança, os grupos *Kamé* e *Kairu* se misturam, e é muito divertido. Quando toma-se todo o *Kiki*, o cocho é tombado e surrado com as ramas e com rezas, orações e músicas, e assim acaba a festa do *Kiki*. Só restam então muitas saudades das brincadeiras e do movimento daqueles dias e noites de festa.

A cada encerramento do *Kiki* a comunidade tem esperança de realizar outros nos próximos anos.

Por todo este trabalho, agradeço primeiro a Deus, pela capacidade, coragem e pela nossa sobrevivência, por conceder ao homem o dom de existir e de transformar. Depois, aos nossos parentes e amigos. Que o ponto da trilha em que nos separamos tenha sido para eles a continuidade de algo maior em suas vidas. Com sua despretenciosa gentileza, nos deixaram a lição que diz que onde existe uma chegada existe uma partida e alguém de quem se necessita. O consolo do coração é saber que a vida é um eterno fluir, e que o chegar e o partir são apenas visões breves de um mesmo sonho.

A dança do cemitério

Iraci Greja Antonio
Comunidade de Ligeiro

Segundo o senhor Inocêncio, Kanhgág de Ligeiro, a dança do cemitério foi muito usada antigamente, mas como nossos costumes tradicionais acabaram, os rituais só podem ser resgatados através deste tipo de entrevista. Nossos pais conservavam os costumes, e é importante resgatá-los ainda hoje.

Segundo outro informante, senhor Ernesto, através da dança podemos conhecer nossos parentes *Kamé* e *Kairukre*: " gostaríamos que os rapazes novos também aprendessem, para nos substituir quando morrermos, e assim nunca acabar o ritual Kanhgág".

Segundo o senhor Vidal Deodoro, durante a dança do cemitérios, que é um ritual sagrado, somos abençoados por nosso Deus *Topẽ*, e, se alguém errar a oração, haverá um castigo de sete anos para a família. Se a dança não

for cumprida, ou se houver erros na oração, pode-se até morrer.

O senhor Angelo Gaprég é o *pẽj* que, desde às seis horas da manhã, vai ao cemitério orar e esperar a chegada do pessoal. Daí, o *Kamé* é marcado com um sinal vermelho, e o *Kairukre* com um preto, e participam da dança apenas aqueles que tem entre vinte e cinco e cinquenta anos de idade. As crianças de um a quatorze anos não podem acompanhar a dança, porque é um mistério sagrado.

Não foi possível fazer a apresentação da dança do cemitério porque naquele dia morreu o irmão do cacique indígena Florindo Lima.

Os passos para ser *kujã*

Sebastião Luiz Camargo
Comunidade Inhacorá

O *kujã* Antonio Miguel nasceu em 1918 em Coroados, hoje distrito da cidade do município de São Valério do Sul, naquela época outra área indígena.

Os anos se passaram e os índios eram cada vez mais pressionados pelos brancos, que muitas vezes davam presentes aos índios, na época das eleições, para que fizessem amizade com eles. Em 1936, os brancos fizeram uma reforma agrária que tirou terras da comunidade indígena.

Durante o governo Brizola, no Rio Grande do Sul, a Área Indígena situada em Coroados, hoje vila, foi usurpada em 700 hectares ao norte, para que se fizesse a Estação Experimental de Lavoura, além de 230 hectares de mata.

Segundo Antonio Miguel, o sofrimento dos índios naquela época era muito grande, porque uma extensa área

foi extinta pelo governo do Estado e, com isso, os índios foram obrigados a desocupar a área para que colonos ali se assentassem. Os Kanhgág tiveram que ir viver mais ao sul, formando apenas uma área indígena, o atual Posto Indígena Inhacorá.

As crianças que vieram de Coroados, como Antonio, não sabiam de nada, mas com o tempo foram imaginando o porque daquilo acontecer. Antonio tinha aproximadamente 15 anos e era solteiro quando começou a mexer com ervas medicinais e com as benzeduras. Tinha apenas noção do que é ser *kujã*. Hoje Antonio é nosso curador, e é a pessoa mais querida de Toldo Chimbangue.

Antonio achava que a profissão de *kujã* era muito interessante, muito bonita. Naquela época, havia um curador no Toldo chamado Doutor Santos, que vendia ervas medicinais fora da área, pois tinha um carro comprado com o dinheiro do ouro tirado da área. O Doutor Santos soube que havia um jovem querendo ser *kujã* e o incentivou, ensinando-lhe tudo o que sabia.

Naquele tempo, Antonio Miguel não conhecia nenhuma reza e nenhuma planta medicinal, e não sabia como exercer a profissão de *kujã*.

Para começar seus trabalhos, o Doutor Santos mandou Antonio Miguel tirar a folha do coqueiro e fazer um chá para beber e tomar banho à noite, antes de dormir. Anoiteceu e Antonio dormiu. No meio de seu sono teve um sonho onde Deus veio até ele para dizer que seria *kujã*, lhe mostrar as plantas medicinais, além de ensinar suas rezas. Deus lhe disse que as crianças eram seus filhos e que Antonio deveria curar uma criança.

No dia seguinte repetiu o banho e o chá, e sonhou de novo, desta vez com uma mulher anjo, que lhe trouxe uma criança falecida para curar e fazê-la reviver. Como Antonio já sabia as rezas, rezou e fez a criança sobreviver.

Passou o tempo e Antonio sabia que era *kujã*. Um dia Manuel da Silva soube, através de rezas, que havia um novo *kujã* que poderia ajudá-lo, e convidou Antonio para curar os doentes. Manuel dizia que estava próximo o dia de partir da terra. Pouco tempo depois ele morreu.

A igreja do *kujã* é o céu

Antonio Miguel então se tornou, aos 16 anos, o mais novo curador de Inhacorá.

Segundo Antonio nada lhe atrapalha, nem as religiões nem as igrejas, pois sempre ajudou a curar as pessoas muito doentes. Mesmo aquelas que mudaram de religião vem até ele para se curar. Eles sabem que quem as ajudou no passado foi ele, e que, sem a ajuda do *kujã*, não se sabe o que seria delas.

Quando não havia igreja, o *kujã* fazia rezas em suas caminhadas; quando a igreja e as outras religiões chegaram, começou a rezar em casa, pois sua igreja é o céu. Ele adora e faz rezas para São João, São Pedro e Nossa Senhora.

Quanto à proliferação da religião Assembléia de Deus na área, o *kujã* disse que atrapalha, pois a religião quer acabar com seu trabalho, apesar dele achar que só quem pode fazer isso é seu Pai do Céu, Deus.

Antigamente cada *kujã* tinha seu *jagrẽ*, pássaros, animais e até anjos.Os *jagrẽ* de Antonio são os santos, pois quem lhe ensinou seu nome era santo e é para os santos que ele reza. Para curar um doente, ele pede a Deus por intermédio dos santos. E para que Deus atenda seus pedidos ele tem que amar mais do que nunca, amar de dentro do seu coração e rezar com amor. Antonio reza bem baixinho, pois Deus já sabe seus pensamentos.

Rezas usadas pelo benzedor

José Nĩnsu Sales
Setor Redentora, A. I. Guarita

Em dezembro de 1995 realizei uma entrevista com o senhor Pedro Keginh de Oliveira, índio da tribo Kanhgág, residente na Área Indígena Guarita, no setor Bananeiras, pertencente ao município de Redentora, Estado do Rio Grande do Sul. O senhor Pedro Keginh, benzedor e curador, está com setenta e três anos de idade e é viúvo há vinte e dois anos.

Segundo Pedro, quando tinha mais ou menos dezessete anos de idade, foi ensinado a ser benzedor e curador por seu pai, Pedro Bento de Oliveira, que estava então com oitenta anos de idade. Foi difícil se aperfeiçoar nesse trabalho, pois teria que cumprir regras rígidas, próprias dos curandeiros. Teria que se banhar em águas correntes ou águas de cachoeira com folhas de remédios do mato, sempre antes do despertar das pessoas, tomando cuidado para não diminuir ou perder a virtude e o poder de seu guia, *jagrẽ*. Todas as noites precisava se comunicar com

seu guia e rezar, pedindo sempre para obter a direção sábia em todas as suas atitudes e decisões.

Se Pedro Keginh não se comunicasse seguidamente com seu guia, *jagrẽ*, este ficaria triste e o curador perderia sua virtude e seu poder. Além disso, Pedro precisaria ter amizade com todos, procurando sempre ser uma pessoa caridosa, para que o povo pudesse confiar nele.

Pedro aprendeu cânticos e rezas. Aprendeu sobre ervas medicinais usadas nas suas tarefas de curar. Sobre as ervas não quis falar muito, como, aliás, é o costume dos curandeiros. Se o curador revelar seus segredos, seus trabalhos, quais os tipos de ervas que usa e como são feitas, enfim, se falar sobre os trabalhos que realiza, ele perderá a virtude e o poder de seu guia, *jagrẽ*. O *jagrẽ* lhe permite passar seus dons de curador para outra pessoa, que é indicada pelo próprio guia.

Atualmente Pedro continua trabalhando, embora um pouco desestimulado pela presença das igrejas evangélicas. Hoje são poucas as pessoas que o procuram para resolver seus problemas.

O curador reza para Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, Santa Maria, São Bom Jesus, São João, São Pedro, Santo Antonio, pedindo-lhes ajuda em suas curas.

Na data em que se comemora o dia de São Pedro, o velho curador faz um banquete de confraternização pelas bençãos recebidas. São convidados seus amigos e aqueles que procuraram Pedro Keginh para resolução de seus problemas, já que o curador não apenas cura os doentes, mas também faz orações por negócios financeiros. E todos aqueles aos quais ajuda ficam satisfeitos.

História da benzedeira

Clarice Fágtẽ dos Santos Berton
A. I. Carreteiro

Em nossa comunidade não há realmente um *kujã*, mas temos uma pessoa que é quase um *kujã*, pois benze adultos e crianças. O *kujã* daqui já morreu.

A benzedeira nos contou como aprendeu a benzer as pessoas. Quando ela era jovem, ficou muito doente, foi ao médico, e este a desenganou, mandando-a de volta para casa. Um dia, quando se sentiu melhor, levantou-se e foi caminhar numa estrada velha por onde não passava ninguém. Chegou perto de um rio, e sentiu que estava sendo puxada até ali por alguém. Deste modo, ficou olhando para a água e viu várias capelinhas descendo sobre as águas. Ficou tão assustada que caminhou até um monte de pedras. Chegando lá, viu Nossa Senhora Aparecida e Santo Antonio, e aquela visão fez com que ela se sentisse melhor.

Voltou para casa e não comentou com ninguém o ocorrido. Sonhou que as imagens lhe ensinavam como curar as pessoas, além de orações de benzimento, que não pode contar a ninguém que não seja um escolhido.

Quando benze uma criança, entrega-a a Nossa Senhora Aparecida e a Santo Antonio. Quando alguém morre, a benzedeira sabe se o morto virá buscar alguém que gosta, e, para que isso não aconteça, esconde a pessoa do morto e a lava com uma erva. Quando benze, sabe se acontecerá alguma coisa à pessoa, principalmente se a vela que acendeu se apagar sozinha.

Ela também tem outro jeito de agradecer a Nossa Senhora e Santo Antonio após lhes entregar as pessoas benzidas. No dia de Santo Antonio ela faz uma festa com os benzidos, soltando foguetes e acendendo velas.

A benzedeira fala com seus santos em Kahngág. Quando a alma de uma pessoa está perdida, ela vai até onde está a alma e traz de volta, colocando-a de novo na pessoa. Ela não pode contar como isso é feito, mas diz que os remédios usados são: para vermes, a hortelã; para dor de barriga, a massania macela; para dor de dente, a

pimenteira; para inflamações, chapéu de couro, pata de vaca, cancorosa e pariparova; para os rins, chá de pêlo de porco e outros mais.

Aqui em Carreteiro, o relacionamento entre os pastores, Funai, e Comunidade Indígena foi sempre normal, e todos se entendem bem.

A festa do Divino Espírito Santo

Iraci Greja Antonio
Comunidade de Ligeiro

Para fazer este trabalho entrevistei as seguintes pessoas: Teresa Silveira, Cristina Seveiro, Maria Rosa e Adão Silveira.

Segundo os devotos Teresa e Cristina a festa do Divino é feita pela pessoa que assim realiza sua mesada. Antigamente essa mesada era feita seguidamente porque nós Kanhgág éramos mais devotos deste santo. Até hoje cremos nas curas do Divino. Ele também resolve problemas difíceis das pessoas.

Segundo Adão Silveira, os costumes e rituais se acabaram com a chegada dos pastores evangélicos. São poucos os que ainda procuram a benção do Divino. Antigamente todos admiravam essa linda festa; hoje, se 50 pessoas forem à festa já é muito. São poucos os que ainda conservam a nossa cultura.

As festas de nossos pais eram feitas com caça: tatu, porco do mato, capivara, cateto e diversos tipos de peixes. As misturas eram farofa de milho ralado, paçoca de pinhão, batata doce e moranga assada. Também tinha bebida para os adultos e para as crianças, que eram bem diferentes. Para os adultos, era servido o *kyfe* de farinha de milho e farinha de pinhão, preparado nove dias antes da festa. Para as crianças era servido mel com água que, além de ser doce, é um remédio que ajuda no crescimento.

Este ano a festeira é Dona Maria, que convidou 21 crianças carentes e fez comida para elas. Essa é uma maneira de fazer voto ao Divino. Este ano a comida era: assado de galinha, porco, pato, peru, e a mistura era pão e salada verde, com suco de laranja.

Depois que todos comerem, os adultos entram na festa e levam a imagem do Divino de casa em casa, rezando como se fosse uma novena, até chegar de volta à casa de Dona Maria. Neste dia, cada um cumprirá seu voto, seja ele nos negócios, no trabalho ou na família.

Por escutar o que os antigos contam, e comparar com o que acontece hoje, vejo muita diferença na festa do Divino, desde a comida até a participação do pessoal. Parece que hoje ninguém mais se interessa pelo Divino Espírito Santo.

A Dança da Romaria

Glória Fẽrá Cornélio
Setor Bananeiras, A. I. Nonoai

Segundo o senhor Argemiro Kasĩn Fa, do Posto Indígena do Rio das Cobras, a Dança da Romaria é muito séria e começou com nossos avós, que conviveram com o profeta São João Maria. O profeta lhes ensinou o ritual, dizendo que os bailes de hoje, com chote, vanerão, discoteque e outros, eram de Satanás. Para combatê-lo, deveriam dançar a Dança da Romaria. Segundo São João Maria, essa dança era uma homenagem a São Gonçalo, que foi um grande tocador de viola, e era feita, tradicionalmente, na primeira sexta-feira do mês. Um *kamé* a organizava, já que tinha tendências para chamar os espíritos.

Antes da dança os participantes da cerimônia fazem algumas horas de oração e cantam. Nas orações, chamam o espírito de São Gonçalo para vir participar da festa.

As mulheres fazem os preparativos e deve haver muita comida, pois entre as danças as pessoas comem e bebem.

Quando as crianças estavam enfermas, as mães faziam questão de dançar os três momentos da dança com o filho no colo, porque acreditavam que o milagre da cura aconteceria durante a dança.

O organizador chamava a atenção dos dançarinos para não errarem nem tropeçarem, pois isto poderia significar "algum retardamento na vida ou até mesmo morte na família", conforme comenta o senhor Kasĩn Fa, da nossa comunidade.

Eram convidados rezadores de outras aldeias e, antigamente, cantava-se somente na língua Kanhgág. Hoje, cantam no se mau português, que quase não dá para entender.

Na dança, forma-se uma fileira de homens e outra de mulheres. Dois homens cantam e tocam violão e violino:

" O São Gonçalo de Amarante
Casamenteiro das véias !
Por que não faz casar as moças,
Que mal fizeram elas ! "

Depois de cantar ao som dos violões, o povo dançava até chegar outra vez aos violeiros. Ninguém podia ficar de costas a São Gonçalo, o Santo Milagroso, e as pessoas iam e vinham três vezes, conforme a duração da dança.

Quando voltavam os violeiros, os participantes da dança paravam e cantavam. Depois de cantar todos davam gargalhadas e batiam palmas. Aí era o momento de comer e beber.

Nesta festa não havia bebidas alcoólicas, e sim sucos naturais. As pessoas não podiam ir à festa embriagadas, nem podiam namorar, pois era uma festa sagrada e todos deviam ter o máximo respeito. No primeiro intervalo todos participavam do banquete. Nos outros intervalos, as pessoas se refrescavam, fumavam um cigarro ou tomavam chimarrão. E assim passavam a noite.

" Muitos enfermos eram curados através dessa dança, e as crianças enfermas eram curadas até o amanhecer", assim acreditavam os velhos dançadores dessa aldeia.

No Estado do Paraná muitos Kanhgág ainda usam essa dança, e hoje ela não é mais somente feita nas primeiras

sextas-feiras do mês, mas também durante a quaresma, em homenagem ao Santo milagroso que faz casar os velhos e as velhas, e que cura enfermidades. Todos os participantes da festa se ajudam, formando uma espécie de mutirão, trazendo comida e ficando todos até o fim da festa.

Como me tornei curandeira

Neusa Jagmũ Ferreira
Comunidade Ligeiro

Cristina Tĩna sonhou com uma mulher doente, perturbada por espíritos malignos. Ela aprendeu a ser curandeira com seu padrasto, que era *kujã* e conhecia todos os tipos de remédios. Ambos são *Kamé*, e o padrasto lhe ensinou tudo desde os 14 anos de idade. Os *jagrẽ* com os quais Cristina trabalha são a onça preta, *mĩg sá*, o cachorro do mato, *nẽn mĩ kasor*, e o pombo da capoeira, *pẽn ti*. A onça ajuda a buscar os espíritos no cemitério, o cachorro do mato avisa o que vai acontecer, e o pombo da capoeira busca alguém que ama. O santo da *kujã* é o Divino Espírito Santo.

A *kujã* fez muitos tratamentos e usou várias coisas, como cauim, para poder resistir a tudo, uma vez que não podia comer durante nove dias. Aos 20 anos esteve bastante doente, mas já sabia dos mistérios sagrados de *Topẽ*, e, até hoje, não se arrepende de ser *kujã*. Durante os tratamentos se banhava com remédios nas águas

correntes, nas noites de lua cheia, e dormia em cima de ervas, bebendo água fresca da fonte. Os remédios eram folha de cedro, rabo de bugio, avenca preta, caraguatá novo, cipó verde, angico branco e um bichinho d'água.

Segundo Cristina, antigamente os *kujã* eram bem aceitos na comunidade e nunca faltou gente para buscar remédios, resolver problemas e fazer benzimentos. Mas agora, com a chegada dos pastores e de várias religiões, os rituais Kanhgág praticamente desapareceram.

As religiões vieram desunir os Kanhgág e fazer com que não acreditassem mais nos *kujã*, embora os padres não fossem contra nossas crenças e nossos costumes. Na época do SPI era assim, mas, com a chegada da Funai, houve autorização para aceitar o evangelho. Por isso hoje, em nossa comunidade, existem cinco religiões, e os jovens e o povo em geral já não ligam mais para os *kujã*. Levam tudo na brincadeira e fazem pouco dos *kujã*.

O tratamento do *kujã*

Iraci Greja Antonio
Comunidade Ligeiro

O senhor Adamor Franco é um homem casado e dedicado aos antigos rituais. Seu avô é *Kamé* e *kujã*, mas como ele está bastante velho, resolveu passar a sabedoria para seu neto.

O tratamento do *kujã* dura nove dias. Foi iniciado em setembro, época das flores, época de brotos das ervas medicinais. No primeiro dia, às 5 horas da manhã, deve se banhar nas águas correntes, com remédio do velho *kujã*.

No segundo dia, a noite, deve dormir sobre as folhas do remédio, sem saber que está fazendo isto.

No terceiro dia, banhar-se nas águas correntes novamente, para descarregar todo o mal do corpo.

No quarto dia, ficar em jejum o dia todo, preso num quarto escuro, até o *kujã* vir tirá-lo do quarto.

No quinto dia, tomar os remédios com água. Este é um mistério que está esquecido pelos índios; somente os mais velhos ainda buscam esta água, principalmente quando chega doença brava, como varíola, caxumba, tosse comprida e doenças venéreas.

No sexto dia, fica no mato até que chegue a noite, e então recebe seus guias e os pássaros passam a alegria para ele.

No sétimo dia estará com o *kujã* mais velho, para que este possa lhe apresentar aos seus guias e para que eles o ensinem a rezar e a buscar os remédios sozinho.

No oitavo dia, vai banhar-se às 6 horas da manhã e ficar em jejum o dia inteiro. Vai dormir no mato, sobre os remédios, e passar a sonhar com as curas.

No último dia, o *kujã* sonhou que estava curando uma criança doente de anemia e com feridas na boca. O que ele viu em sonho, viu na realidade.

Agora terá que trabalhar conforme os dons dos seus guias, que são o cachorro do mato, o gavião branco, a pomba grande da capoeira e a onça preta. Vai conhecer os remédios e os segredos do índio Pena Branca.

Curas espirituais

Aurelino Góg Ribeiro
Comunidade Ligeiro

Angelina Silva, rezadora, diz que trabalha para as pessoas. Ela não cobra por isso, mas todos os que já foram curados por suas rezas a gratificam. A rezadora cura quebranto e crianças que perderam a alma, pois ela sabe e vê quando a criança está perdida em algum lugar, chorando. Para isso ela pergunta a idade da criança e busca seus santos, São Divino e Deus, para ajudá-la.

Quando começou a trabalhar tinha seus filhos pequenos, e pediu aos espíritos de Deus que a ajudassem. Quando estava perto das crianças viu um vulto e quase se assustou. Soube que era o São Divino, que lhe disse que se quisesse trabalhar como rezadora poderia fazer pedidos a ele. Quando Angelina pede ajuda para alguém da comunidade, os espíritos lhe dizem o que fazer, e ela só faz o bem, pois os espíritos não gostam que faça o mal.

Uma das maiores curas que seus espíritos fizeram foi a do sogro do chefe que estava desenganado num hospital. Como ele estava morrendo, vieram lhe pedir para rezar por ele, e Angelina pediu para São Divino que atendesse seu pedido. Ela acredita e tem fé de que ele fez um milagre, pois Celino Teodoro, já no dia seguinte, caminhava e comia.

Quando há pessoas que estão para morrer ou quando existem coisas para acontecer, a rezadora sabe porque os espíritos vêm lhe contar. Antes de termos esta conversa, Angelina já sabia que viríamos e nos esperava, pois pensou que a causa era boa para a comunidade.

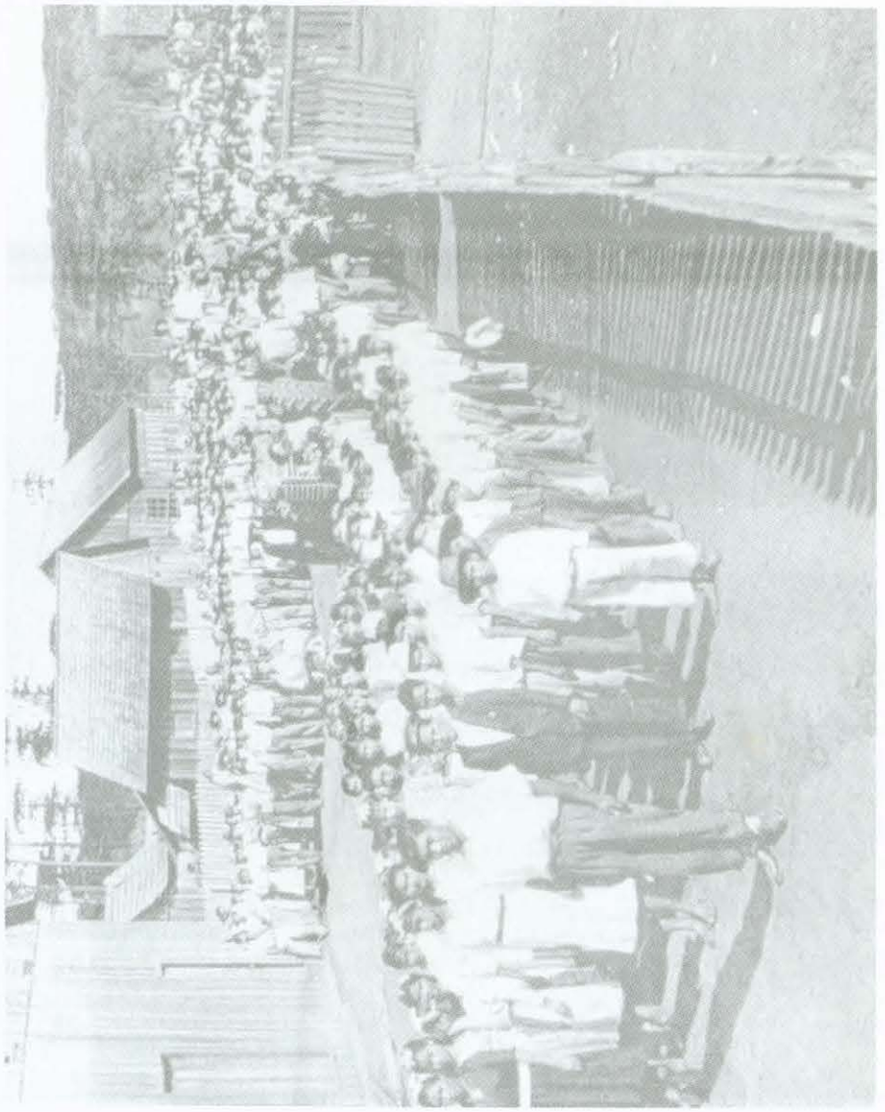
Segundo a rezadora, há pouco tempo para se fazer coisas boas, já que sabe que, daqui quatro anos, será o fim dos tempos.

Outra história marcante para Angelina ocorreu quando não existia a sede do posto de Lage, e os Kanhgág moravam perto do Rio Ligeiro. Lá todos gostavam de rezar as rezas antigas, todos se ajudavam e ninguém brigava. Rezavam quando tinha casamentos, festas e

quando morria uma pessoa adulta ou criança. Rezavam para chover.

A rezadora se lembra de quando era pequena e acompanhava os rituais. Havia muitas pessoas *Kamé* e *Kairukre* e dançavam durante três dias sem parar, noite e dia. Naquele tempo havia muita seca, e se rezava para não sentir frio e para não virem doenças bravas, nem aquelas que se curava com remédios de ervas.

Mas, com a entrada dos *fóg* que vieram morar aqui, estas coisas foram sendo deixadas. A vida era muito sofrida naqueles tempos.



Os Kaingang nos tempos do Serviço de Proteção aos Índios, fotografados junto ao Posto. (foto Museu do Índio)

Acima: Inocêncio Deodoro, *kujã* do P.I. Ligeiro, junto com o professor Aurelino Ribeiro em 1996.

Abaixo: a nascente utilizada pelo *kujã* de Inhacorá. (fotos André Toral)

O curador Kanhgág

Waldomiro Kafár Mineiro
Setor Pinhalzinho, A. I. Nonoai

O *kujã* Isidoro Nór de Paula nasceu dia 5 de agosto de 1927, na aldeia de Pinhalzinho, Posto Indígena Nonoai, município de Planalto, Rio Grande do Sul. Tinha 12 anos quando sua mãe morreu. Era o filho mais novo da família e soube que seria *kujã*.

Seis anos mais tarde, num dia de chuva, Nór foi passear na casa de vizinhos próximos. Havia um bosque perto da casa e, enquanto passeava, viu um homem alto, de roupas brancas e cabelos compridos. Aproximou-se do homem, que lhe disse que seria seu *jagrẽ*. Perguntou se Nór tinha coragem de trabalhar com ele. O homem disse para Nór achar as ervas do mato que curam as doenças.

Para ser *kujã* ele deveria achar os remédios e se banhar com eles em três *tẽgtũ*, sextas-feiras bem cedo, antes dos pássaros acordarem, além de jejuar três sextas-feiras. Depois Nór deveria ir ao mato, procurar coqueiro e tirar

palmito, *tẽnh jũn*, branquinho, *kẽgfun*, brânquil, *pẽnmog*, juntá-los num balde e se banhar com eles para poder trabalhar com os doentes. Além disso, deveria pedir ao São João Maria, seu *jagrẽ*, para curar os doentes.

Quando Nór começasse a trabalhar não poderia contar para ninguém, deveria ser um segredo. Quando estivesse cansado de trabalhar com doentes, não deveria desistir, e quando estivesse bem velhinho, deveria passar o *jagrë* para outra pessoa da mesma família, ou para o neto mais velho ou mais novo.

Após dez anos Nór conseguiu achar muitos remédios. Um dia seu neto ficou doente e ele foi procurar remédios. Começando o tratamento o menino ficou curado. Ele conseguiu curar muitos doentes.

Os remédios que o *kujã* usa são *brânquil*, *pẽnmóg*, que servem para pressão alta, tontura, dor de cabeça e febre; caúninha, que serve para enchume; guiné, *hunh*, para dor de dente, dor de cabeça e dor no corpo; *krỹgmé* para todos os tipos de doenças; avenca e *pri pen sá* para dor de bexiga; pitanga, *jỹmi*, para cólicas; guabiroba, *pẽnva* para tosse e resfriado.

Benzimento

Dirceu Bento Kójégjég
Setor Irapuá. A. I. Guarita

Vicentina Nijág Ribeiro disse que quando era pequena já fazia benzimentos, pois era a única filha que ficava em casa. Por isso seu pai lhe ensinou o trabalho. Ele dizia que não viveria muito tempo mais ao lado dela, e resolveu lhe passar o dom completo.

Quando o pai passou a lhe ensinar, tinha sete anos de idade e estava proibida de se casar. Foi difícil para Vicentina prestar atenção nas regras que seu pai lhe falava e fazia. Ela não poderia ficar desatenta porque senão nunca iria aprender, e seu pai queria que ela fosse uma pessoa respeitada na aldeia por seu trabalho.

Ele lhe ensinava muitas regras para que fizessem efeito nas pessoas que estavam em dificuldades. Além disso, ensinava cânticos e lhe mostrava ervas medicinais, que colocava numa vasilha e rezava para ajudar as pessoas.

Vicentina diz que não faz mais esses trabalhos por causa das religiões que se estabeleceram nas áreas indígenas, principalmente em Toldo Guarita. Muitos índios pertencem a essas religiões, e ela então parou de trabalhar um pouco, apesar de algumas pessoas ainda a procurarem. Vicentina continua fazendo suas rezas a Santo São João, São Pedro, Santo Antonio e São Roque.

Diferenças entre *kujã* e benzedor

Marilde Luiz Ganhgre
Setor Pinhalzinho, A. I. Xapecó

Raul Kemuprãg me explicou como fez para se tornar um *kujã* e ajudar o povo Kanhgág. Ele fez direitinho como seu avô lhe explicou. Se banhou com água de guamirim várias vezes, e começou a trabalhar com seus bichinhos, *jagrẽ*, que o ajudam a buscar ervas e as almas perdidas das crianças. Segundo Raul, os *kujã* podem pertencer a qualquer uma das metades, mas a metade *Kamé* tem espírito mais forte. Os espíritos deixam os *kujã* chegar ao *numbẽ* porque chegam com o coração, embora, às vezes, estejam bravos.

O trabalho do *kujã* é completamente diferente do trabalho do benzedor; o primeiro trabalha com os espíritos perdidos, sabe das coisas que irão acontecer e quanto tempo terá de vida. Sabe também que, além da morte existe outra vida, que pertence ao mundo dos mortos.

O benzedor trabalha com santos, e, às vezes, com espíritos. Faz remédios conforme as doenças dos pacientes, descobre o que o doente tem, se é doença ou se foi enfeitiçado. Faz consultas e tratamentos com ervas medicinais, mas, se for preciso, manda levar o doente ao médico.

Os espíritos dos animais se tornam companheiros dos humanos. A pessoa que recebe o espírito do animal não pode falar explicitamente sobre este encontro. Os *jagrẽ* dos *kujã* podem ser qualquer bichinho do mato, o tigre, o cateto, o gavião, a coruja e até a cobra. O *jagrẽ* é o "santo" da gente, sem ele o *kujã* pouco faz. O *kujã* conversa com seu *jagrẽ* e juntos saem para buscar as coisas, almas e ervas. As pessoas que possuem um *jagrẽ* devem evitar matar animais daquela espécie.

A vida do Martim e suas principais ervas medicinais

Adão Sales Vỹjkág
Setor Bananeiras, A. I. Guarita

Abílio Ribeiro é filho de Martim Ribeiro, um *kujã* morto há quinze anos. Segundo Abílio, seu pai fazia mesadas para os santos em certas épocas do ano. No dia das mesadas, Martim matava galinhas e porcos e os cozinhava com arroz, depois fazia uma festa para a qual convidava todas as pessoas. Naquele tempo, os Kanhgág só acreditavam nele, pois ele era o mais "esperitado", ou seja, mantinha contato com diversos espíritos.

Enquanto o pessoal comia, Martim fazia vários tipos de remédios do mato, benzia e explicava a utilidade de cada um.

Martim era *Kamé* e *pẽj*. Toda sexta-feira, antes do sol nascer, levava até o rio um feixe de *pri kanẽ funfór*, um tipo de samambaia, e batia no feixe com um pau, em cima de uma lage. Depois, tomava um pouco do suco, e, com o resto, se banhava durante três dias. Na segunda vez que

fez isso, seu *jagrẽ* apareceu e eles conversaram. Na terceira vez o contato foi maior, e ele aprendeu sobre os tipos de remédios e suas utilidades. Seus *jagrẽ* eram o tigre, *mĩg*, e seu filho.

Os *jagrẽ* lhe ensinaram sobre os remédios que deveria preparar e quais doenças curariam. Aprendeu também vários tipos de orações para as doenças. Com suas benzeduras, Martim fazia voltar para a pessoa o espírito que havia fugido, fazia temporais se acalmarem, chover quando as plantas precisassem de chuvas, casais se juntarem quando se separassem. E sempre fazia festas, as mesadas para os santos. No baile, ele mesmo tocava gaita e entoava cantos.

Os *jagrẽ* associados de Martim eram o tigre e seu filho, que são seus espíritos.

O *kujã* usava várias plantas para seus tratamentos. *Ty kanẽ funfór*, juntado com *ójor jẽn*, eram socados e o suco era colocado num pano; eram postos em cima dos cortes para que as carnes se juntassem. A folha de *kókaj* e a folha de *kyprer*, usadas quando as crianças se assustam e seus espíritos fogem, eram tratadas junto com as

benzeduras do *kujã* e os galhos desses remédios eram colocados ao lado das portas das casas. Para machucados grandes, pancadas que custam a sarar, se apanha um tipo de cipó chamado *jãpryj jáfã*, que é queimado, e, com as brasas já esfriadas, bate-se dentro de um pano, colocando o pó no lugar machucado, como uma atadura.

Dizem os antigos que, quando se pega uma doença viva, uma doença feita pelos próprios índios quando não gostam de alguém, a pessoa fica doente e não sara nunca, pois não há um remédio. É fácil pegar essa doença; por exemplo, se deixar o feitiço no lugar onde a pessoa vai lavar roupa, basta encostar nele para ficar doente. A pessoa, quando percebe, já está em sofrimento. Mas, basta pegar alguns pedaços de *kẽso*, amassar no pilão, beber seu suco e se banhar. Outra pessoa, que não seja o doente, é quem deve buscar e preparar o remédio.

Quando a mulher ganha uma criança, a sujeira, o sangue, não para de descer, os velhos ou a mãe da mulher pegam o *pri pẽn sá*, cozinham e dão, ainda meio quente, para a mulher com hemorragia. Quando as crianças têm feridas na boca, soca-se o *ty kãsir*, e, no suco se mistura açúcar queimado e passa na boca da criança. Quando se pisa na

espinha de cobra, se raspa uma batata de alho macho, e se coloca no lugar afetado, fazendo uma atadura.

Às vezes, quando nos perdemos no mato e precisamos comer, apanhamos um broto novo do crissiúme e a fome acaba. Podemos tomar o suco dele também. Com isso, os bichinhos do mato não chegam perto da gente, mesmo que tenhamos que dormir no mato.

Se a pessoa tem vontade de brigar com um tigre no mato, há remédios para esta valentia, como a flor do coqueiro. Com ela a pessoa toma banho no rio, e depois vai esperar o tigre, mas há que estar muito bem preparado.

Se um grupo de pessoas quer guerrear com outro, tira-se os galhos ou folhas e os queima; então, joga-se o pó queimado para o lado dos inimigos. Os inimigos dormem, e será difícil acordá-los, podendo chegar por cima deles que nem perceberão.

O valor do *kujã*

Luiz Adriano Penĩ Dias Sales
Setor Irapuá, A. I. Guarita

A *kujã* Vicentina Nijag Ribeiro contou que seu pai sempre lhe dizia para fazer o bem para as pessoas. Ela não gostava muito das rezas de seu pai, e também não estava muito interessada em aprender, apesar de acreditar em suas curas.

Numa certa noite, sonhou com um vulto branco que estava no meio do mato. A *kujã* correu em direção a sua casa, e o vulto continuou atrás dela. Quando chegou em casa e fechou a porta, acordou. Contou o sonho para seu pai, que lhe disse que era um sinal, que ele sabia que vinha de Deus, *Topẽ*.

Durante sete noites sonhou assim, e, numa manhã bem cedo, chegou em sua casa uma mulher com uma criança muito doente. Seu pai não quis benzer a criança dizendo que Vicentina devia fazê-lo. A *kujã* começou a tremer de medo e, não se sabe como, começou a rezar rezas que só

seu pai conhecia pois ela nunca havia rezado. Depois disso, ela pediu para a mulher ir embora e voltar dali a três dias. Quando voltou, a criança, que nem conseguia caminhar, chegou à casa de Vicentina correndo, bem melhor de saúde. Nesse momento, ela percebeu que fazia curas. As pessoas começaram a procurá-la.

Para curar, além das rezas, a *kujã* faz remédios com folhas e raízes. Quando a doença é muito séria, ela reza e faz um trabalho contra os *kujã* malvados que judiam das crianças. Isso ela não pode contar, assim como não pode dizer o nome dos chás.

A *kujã*, num momento de emoção, lembra da criança e diz:

" Olha, meu filho, não há nada melhor do que ver uma pessoa boa, sem doenças, correndo pela estrada, trepando em árvores. E me sinto bem em curar os outros, porque curando estou perto de nosso *Topẽ*, Deus. Quando chegar minha hora de ir junto Dele, quero deixar alguém no meu lugar, mas hoje ninguém acredita mais em *kujã*. Eles preferem outros recursos. Nem meus filhos se interessam pelo que tenho a ensinar. Mas, se aparecer uma pessoa que tenha fé e acredite realmente em Deus, *Topẽ*, eu

ensinarei. Tem que ser uma pessoa boa de coração, sem maldade, que nunca tenha feito mal para ninguém, porque quem vai seguir a Deus não pode ser uma pessoa ruim, senão vira *kujã* do diabo.

" Existem muitos espíritos. Eu falei com eles no último dia em que sonhei com o vulto branco, e ele disse que eu, por não acreditar, seria uma *kujã* maldosa. Mas eu não acreditei neles. Existem espíritos que tentam te levar para o lado ruim, lado escuro. Existem *kujã* do bem e do mal, e os do mal tem mais poder de falar com os espíritos do que nós do bem, pois há muitos espíritos que vivem vagando, fazendo o mal e levando as pessoas para o lado deles. Os principais são os doutores, os médicos, que condeno, porque *Topẽ* não disse e nem deu o poder para ninguém tocar ou cortar o corpo das pessoas. E os doutores fazem isso; eles tiram o sangue, e isso é pecado, é fazer o mal. Por isso o mundo está no fim, pois as pessoas se matam umas às outras e não se entendem mais.

" Hoje as pessoas preferem ir ao doutor ao invés de vir me procurar. Até minha filha vai à farmácia ou ao posto de atendimento à saúde levar meu neto. Eu sei que posso curá-lo, mas a própria mãe o leva, e eu não posso obrigá-

la a deixar que eu o cure. Nós, *kujã*, encomendamos a ida das pessoas para perto de *Topë* quando não dá mais para salvá-la; eu faço uma reza e mando para perto Dele.

" Condeno as religiões que dizem que o mundo vai acabar. Vou lhe dizer uma coisa bem certa. O mundo aqui de baixo acaba para quem morre, porque a vida continua lá em cima. Condeno irmão que mata irmão. Se Deus nos fez para vivermos de bem uns com os outros, então para quê se matarem, se cortarem? Condeno os que têm inveja, dinheiro, pois no reino dos Céus nada disso tem valor; para lá só vão as pessoas de bem.

" Eu não costumo dar minhas orações para ninguém, apenas para quem tem fé. Como esta: majestoso Deus e sábio arquiteto do Universo, eu venho a vossa presença pedir perdão pelos meus pecados, união e amor para minha família, saúde para o meu corpo. Senhor, dai-me a prosperidade de afastar a inveja, os perigos, os acidentes, a calúnia e todo o mal existente. Amém."

A *kujã* fez uma lista de remédios e plantas que usa: *pã kusũng*, ou ipê roxo, *pã mỹrér*, ou ipê amarelo, *krỹgmẽg mág*, *krymẽg kẽsĩr*, *pyrfé* para câncer, *kỹkrỹ*, *fĩr* para

quebraduras, *nétuj* ou guanchumba para desarranjo, *joa* para dor de vista, cencilio para pontada dupla, *kãnkar*, ou pau de cotia, *nhén*, ou paineira, para curar tumôr no fígado.

A moradia após a morte

Marilde Luiz Ganhgre
Setor Pinhalzinho, A. I. Xapecó

Segundo contou meu avô, Raul Jacinto, os Kanhgág acreditam que o ser humano é composto pelo *Kumbã*, "espírito" ou "alma", que continua existindo depois da morte. Quando alguém morre, seu espírito vai para o *numbẽ*, o mundo das almas.

O *numbẽ* fica no poente, e por isso os mortos devem ser enterrados com a cabeça para leste, com o rosto voltado para esta direção. Raul contou uma história sobre uma alma que teria voltado durante o velório para pedir que se cumprisse uma promessa feita a um santo, e informou que a distância do *numbẽ* até a aldeia era de doze léguas, ou setenta e dois quilômetros. Contou ainda que estava cansada porque tinha vindo caminhando desde lá.

Raul disse que foi várias vezes ao *numbẽ* buscar espíritos e visitar seus parentes. Contou que as casas são feitas de folhas de palmeiras e os espíritos fazem erva mate. No

mundo dos mortos vive-se como antigamente. Raul foi até a casa de sua prima, sinhazinha Karumi, que fica embaixo de uma guajuvira, mas a prima não estava em casa e ele teve que voltar. Na volta, foi parar numa serraria, que fica na estrada velha, no serrano.

Segundo Raul, somente a alma é que vai ao *numbẽ*, e quando a pessoa sonha e vê as coisas que ainda irão acontecer, então ela viverá para ver. Raul sonhou com uma guavirova, e por isso acha que, decerto, alcançará de novo, ou seja, viverá para ver os frutos amadurecerem novamente.

É esse o mundo dos mortos, chamado *numbẽ*. As pessoas vivem lá como viviam antigamente.

A função do *pẽj*

Pedro Rẽtón Candido
A. I. Guarita

O *pẽj* é o rezador nos velórios, uma das pessoas mais respeitadas no Posto Indígena. É ele quem pode vestir o morto, levá-lo até o cemitério e enterrá-lo. Somente o *pẽj* pode encostar no morto, pois se outra pessoa o fizer, morrerá.

O *pëj* também faz as marcas, como o *Kamé* e *Kairukre*, e então as pessoas podem obedecer e acompanhar o velório.

Existem cinco *pẽj* dos *Kamé* e cinco dos *Kairukre*. Também há cinco *pẽj* femininas. Eles deixam penas e aves nos túmulos, como as do *sogsó*, *sórãg*, *sóróg mág* e *gretỹ*, que servem como coroas. Os *pẽj* masculinos usavam os nomes *Gavóg*, *Gatánh*, *Gavaróg*, *Gasá* e *Graprég;* e as *pẽj* usavam *Gatẽ*, *Garig*, *Garĩjá*, *Garé* e *Garẽn*. Os nomes lhes são dados, desde pequenos, por um velho *pẽj*. Esse velho, antes de morrer, passa o seu nome

para uma pessoa que poderá ser *pẽj*, e depois ensinam a ela como ser um *pẽj* e como é seu trabalho.

O *pẽj* pode ser *Kamé* e *Kairukre*, e se ficarem muito velhos, passam o cargo para uma criança.

Quando enterram um morto não podem enterrar mal, não podem deixar um montinho no chão, pois senão podem morrer logo.

Ser *pẽj* é um trabalho muito sério na comunidade indígena, apesar de hoje em dia não existirem muitos. São muitas as religiões e os velhos não conhecem muito sobre elas. Hoje os crentes fazem orações nos velórios, e não se usa mais penas de galinhas como coroas, mas sim, coroas feitas pelos brancos. Ninguém mais repeita os *pẽj*.

As curas do *kujã* e os *pẽj*

Glória Fẽrá Cornélio
A. I. Toldo Chimbangue

Aqui em Toldo Chimbangue, município de Xapecó, Santa Catarina, conversamos com o *kujã* João Nore Fortes, 82 anos de idade, que trabalha como *kujã* desde os 14 anos de idade.

Como curandeiro da aldeia, Nore é respeitado por todos, pois quando a enfermidade é difícil de curar pelos médicos, os doentes são levados a ele. O *kujã* comenta que já curou até câncer.

Seus *jagrẽ* são espíritos dos espíritos, e é guiado por eles para coletar ervas medicinais em épocas certas. Através deles sabe o tipo de enfermidade que as pessoas tem.

O *kujã* faz suas orações em português e também na língua Kanhgág. Acredita no poder do Deus *Topẽ*, pois Ele tem um espírito muito forte, talvez o mais forte de todos os espíritos.

Como João também é *pẽj*, faz parte do ritual do *Kiki* no Posto Indígena Xapecó, no município de Xanxerê.

Ele começou a se sentir *kujã* de verdade aos 30 anos. Aos 14, buscava *jagrẽ* para ser um curandeiro, mas o seu poder só começou quando entrou em contato com seus espíritos guia, os *jagrẽ*.

Um dia João foi buscar taquaras para sua mulher, e, quando meteu a foice nas taquaras, sentiu um arrepio no corpo. Sentiu que alguém o observava. Ouviu um assobio a alguns metros dali e respondeu ao assobio, que se aproximou cada vez mais. Eram três assobiadores, e João percebeu que não eram pessoas, mas espíritos.

Sentiu um cheiro forte que foi lhe embriagando aos poucos e desmaiou. Quando acordou estava deitado na rede de sua casa. O mato onde estava era fechado e de difícil acesso, mas quando a família sentiu a demora, sua mulher mandou o filho mais velho ir atrás de João para ver o que havia acontecido. Ao ver o pai desmaiado, o filho correu até a aldeia e avisou o pessoal que, mais que depressa, levou-o para casa.

Aos poucos João voltou ao normal e começou a lembrar das coisas que aconteceram. Quando começou a perder a memória, chegaram perto três vultos de espíritos guerreiros, líderes, e um deles era um *kujã* que falecera há dez anos atrás. Os espíritos ensinaram João durante o sono, em forma de sonho ou de visões. Hoje eles o ajudam a curar as pessoas de enfermidades perigosas.

Os espíritos entram em João quando ele queima os remédios para defumar as pessoas. A defumação é feita quando se entra numa casa mal assombrada ou quando vai curar alguém que sofre de feitiçaria.

O *kujã* se une aos grandes espíritos

João se sente bem como *kujã*, pois pode ajudar o povo Kanhgág em suas necessidades. Quando alguma criança sofre com vermes, o *kujã* sabe o remédio e também sabe quando algo ruim ou bom vai acontecer com o povo Kanhgág. Ele procura, de todas as formas, afastar o mal para que dê lugar ao bem. Quando vê que uma enfermidade é grave, entra em contato com seus *jagrẽ*, através de um ritual que lhe foi ensinado por eles e, juntos, buscam a solução para os problemas.

Mas, quando é chegada a hora de ir para o *numbë*, quando o Deus *Topẽ* exige que alguém vá para lá, é difícil trabalhar, porque *Topẽ* é o maior e o mais temido, por ele e por todos. Assim, João avisa os familiares que é chegada a hora de se prepararem para encarar a dor da perda de alguém.

Segundo João, na reserva de Chimbangue, o problema mais temido é a feitiçaria, porque ela prejudica a vida conjugal, pode causar mortes em famílias e nos animais, e todos podem se dar mal. O mal está em todo o lugar, assim como o bem.

A cada primeiro dia do ano se realiza o banho com ervas medicinais para crianças recém-nascidas. O *kujã* queima algumas plantas naturais e faz um pó, enquanto outras são cozidas para passar nos olhos e nas juntas das crianças, para que se fortaleçam e tenham a visão aberta, tanto para o bem quanto para o mal. Durante este ritual, o *kujã* se une aos grandes espíritos que foram morar com *Topẽ* e, com uma longa oração, consegue trazê-los e unir-se a eles. O *kujã* parece estar embriagado quando isto acontece. No lugar do banho é dado às crianças o nome indígena conforme seu clã, *Kamé* ou *Kairukre*.

João só conta sua vida para índios; não conta para brancos porque eles não gostam de ouvir suas histórias. Os índios o entendem por pertencerem a uma só família. O chefe Ari Paliano, grande líder da comunidade de Chimbangue, é índio, e o *kujã* se sente bem com esta vida.

História da morte do *pẽj*

Luiz Adriano Penĩ Dias Sales
Setor Irapuá, A. I. Guarita

Quando um *pẽj* falece, seu companheiro ou companheira deve permanecer durante toda a cerimônia de velório e enterro. No velório só podem ficar os benzedores e as pessoas do ramo da cura, como os *kujã* que trabalham com espíritos animais, espíritos *higmãn*, os *kujã* que trabalham com plantas e chás e os que trabalham com espíritos de outras pessoas. A família só poderá ver o falecido no segundo dia de velório, depois da passagem dos rezadores pelo local, para segurar o espírito do *pëj*, evitando que ele se aposse de outro corpo.

O companheiro do *pẽj* falecido não pode sair de casa em hipótese alguma, pois há risco do espírito do falecido se apossar dele e continuar fazendo mal. Durante o sono e o repouso, o espírito não tem forças para se apossar do companheiro, pois a pessoa está desligada dos rituais do velório e do enterro.

No terceiro dia de velório voltam os rezadores e curadores para iniciar o ritual do enterro, pois o *pẽj* não poderá ser enterrado no mesmo cemitério em que estão as outras pessoas, já que seu espírito incomodará os espíritos bons que descansam. Os parentes do falecido saem todos do local, e apenas acompanham o corpo até o fim da aldeia. A partir daí só os rezadores podem seguir.

Os rezadores seguem rezando para que seu espírito não venha incomodar ninguém após o enterro, pois como o corpo do *pẽj* não entra no cemitério, seu espírito também não é aceito no *numbẽ*, o céu para onde vão os espíritos dos Kahngág.

Se o xaxim brotar, o espírito está preso

A sepultura é aberta pelos rezadores no meio do mato, onde há uma planta chamada *mrũ*, xaxim. A sepultura tem dois metros de profundidade e um metro de largura, sendo que o comprimento é do tamanho do falecido. O xaxim serve para impedir que o espírito saia e vague sem destino. Se o xaxim brotar, o espírito está preso; do contrário, o espírito mostra que venceu a natureza e sai a vagar pelos céus, assustando e se apossando das pessoas.

Depois do enterro o companheiro do *pẽj* tem que sair da aldeia e ficar três semanas fora, para que o espírito não o incomode e nem à reserva onde vivia o morto. Passadas as três semanas ele volta, e as pessoas que fizeram as cerimônias de velório e enterro cortam um pedaço de seu cabelo e oferecem ao falecido.

Para finalizar o ato de morte do *pẽj*, a parte do cabelo cortada é oferecida ao espírito do animal que pertencia o espírito do *pẽj*. Se isso não for feito, os animais passam a assombrar a aldeia, e esses animais são os que comem carne, como o tigre, *mĩg*, a serpente, *pỹn*, a pantera, *mĩg sá*, o cachorro, *kosor*, o corvo, *jãtã* e o urubu, *jãtã mrẽnh*.

A religião atrapalha os *kujã*

Wilson Grũn Policeno
Comunidade Inhacorá

O *kujã* Antonio Miguel, Kajẽr Mỹ, nasceu em Coroados, uma área indígena que ficava a mais ou menos a sete quilometros de Inhacorá, e pertencia ao município de São Augusto, no Rio Grande do Sul. Agora pertence ao município de São Valério. Esta área de Coroados foi extinta numa reforma governamental, e os índios foram transferidos para Inhacorá, formando uma só aldeia.

Antonio Miguel era criança na época, e veio de Coroados para Inhacorá com seu avô. Aqui cresceu, se tornou *kujã*, e até hoje preserva a cultura e as crenças dos antigos.

Antonio se tornou *kujã* aos quinze anos de idade, quando ainda era solteiro. O finado Santos Pén nón, que também era *kujã*, lhe ensinou muitas coisas. Santos vendia remédios do mato em outros lugares, pois tinha carro próprio e motorista particular, branco. Santos comprou o

carro porque tinha ouro e era muito rico. Mas, quando soube que Antonio Miguel queria ser *kujã*, curador, ele o ajudou, mostrando-lhe as plantas medicinais, as rezas e muitas outras coisas.

Santos mandou Antonio Miguel tirar uma flor de coqueiro, depois fazer um chá e tomar banho, pela manhã e ao dormir, com o suco da flor. Quando Antonio estava dormindo, sonhou com Deus que lhe disse que seria *kujã*, mostrou-lhe as ervas medicinais e ensinou-lhe rezas, além de avisar que ele devia curar primeiro uma criança, pois as crianças eram filhas Dele.

Ao amanhecer, Antonio se assustou com seu sonho, mas estava com ótima disposição. A noite, tomou o chá e o banho, e sonhou com uma mulher, quem sabe um anjo, que lhe trazia uma criança pedindo que a fizesse viver de novo através de suas rezas e suas plantas. No sonho, Antonio Miguel curou a criança e então teve certeza de que era curador, mas não contou a ninguém seu segredo.

Muitos anos se passaram e Manoel da Silva, que também era *kujã*, descobriu em suas rezas que Antonio Miguel era curador. Santos já havia falecido e Manoel, que não

conseguia curar todos os doentes, convidou Antonio Miguel para ajudá-lo. Este aceitou o convite, formando uma dupla de curadores.

Atualmente, existem aqui dois *kujã*, Antonio Miguel e Artur.

Segundo Antonio Miguel, a religião é muito importante pois é um meio de trabalhar para Deus. Kajẽr Mỹ pertence à igreja católica e se ela não existisse dentro da comunidade de Inhacorá, não seria possível fazer suas rezas e curas dentro de sua casa. Como existe a igreja, Antonio Miguel faz suas rezas também fora de casa, orando para o céu, que é, para ele, como uma igreja católica. Os santos de Antonio Miguel são: São João, São Pedro e Nossa Senhora da Aparecida. Por isso Antonio Miguel não deixa de ir à missa.

Segundo o *kujã*, as religiões inventadas pelos homens, como a Assembléia de Deus, atrapalham e procuram terminar com seu trabalho, embora ele ache que só quem pode fazer isso é Deus.

Os *jagrẽ*, espíritos associados, podem ser animais, aves. Mas Antonio não tem *jagrẽ*, pois seu *jagrẽ* é a vela que usa para curar os doentes. Ele acende suas velas, faz suas rezas, e pede a seus santos e a Deus.

O casamento entre os *Kamé* e *Kairukre*

Jeocir Kuitá dos Santos
Setor Bananeiras, A. I. Nonoai

Em Nonoai ainda preservamos a cultura Kanhgág. Esta área está localizada na região do planalto do médio rio Uruguai, no Estado do Rio Grande do Sul, na divisa com Santa Catarina.

A Área Indígena de Nonoai está dividida em três setores: Bananeiras, Pinhalzinho e a sede do Posto Indígena. A população total é de aproximadamente quatro mil e oitocentos habitantes.

Aqui o casamento indígena é uma tradição ligada à realidade de uma cultura viva e, através dos clãs, resplandece a tradição Kanhgág. As marcas *Kamé* e *Kairu* fazem parte da preservação de nossa cultura.

As metades tribais *Kamé* e *Kairu* impõem um grande respeito entre as famílias Kanhgág daqui. O casamento é feito de forma bem detalhada: *Kamé* não pode se casar

com *Kamé*, e a mesma coisa acontece com a metade *Kairu*. Só podem se casar *Kamé* com *Kairu* e vice-versa. E por que não se pode casar dentro da mesma metade?

As metades iguais não podem se casar porque, segundo os índios mais velhos, são parentes, e por isso há uma grande divisão entre o povo Kahngág desta área.

Quando dois jovens começam a namorar e pertencem a metades iguais, logo são descobertos pelos pais e pela liderança, chamados frente às autoridades indígenas para prestar depoimento, e são aconselhados e separados. Se continuarem a se encontrar e forem descobertos, são transferidos cada um para uma aldeia diferente, além de receberem uma punição.

Mas, quando dois jovens de metades diferentes estão namorando e pretendem se casar, o rapaz pede aos pais da moça a filha em casamento. Se o pedido for aceito pelo pai, logo é comunicado para a família do moço, e, em seguida, as duas famílias se dirigem à casa do cacique para marcar a data do casamento. São chamadas outras autoridades da aldeia, como o capitão, o major e seus assistentes, para servirem como testemunhas.

A data é marcada para depois de três ou quatro meses. Durante este período, cada família pode preparar seus artesanatos para vender, arrumando dinheiro para organizar a festa do casamento.

Faltando uma semana para o começo das festas, as famílias realizam festas separadas, e todas as noites é aquele barulho de foguetes.

A festa é sempre marcada no último dia da semana, no domingo. Na sexta-feira à noite há o primeiro baile, o baile do noivo e seus parentes, e no sábado, acontece o baile da noiva e seus parentes. Estes bailes, com bandas musicais, têm músicas gaúchas, sertanejas e populares. Nem o noivo e nem a noiva podem frequentar os bailes um do outro.

No dia do casamento, que é domingo, o noivo e seus convidados fazem sua festa separada, assim como a noiva faz a sua, e após um grande almoço, os noivos são preparados. A noiva coloca seu vestido e o noivo seu terno e sua gravata. Cada qual é preparado por sua família e parentes, em suas próprias casas.

Chega o grande momento, o encontro tão esperado. O noivo e seus familiares da metade *Kamé* saem de sua casa, e a noiva e os parentes da metade *Kairu* saem da sua, ao mesmo tempo, e se encontram bem no meio onde estão separadas as famílias. As duas famílias começam a atirar foguetes para todos os lados, e todos se cumprimentam com abraços, dando-se assim tanto a união do casal quanto das famílias.

Todos se dirigem ao salão onde estão as autoridades indígenas, principalmente o conselheiro. As duas famílias tomam assento numa mesa redonda, juntamente com o casal e o conselheiro, que diz a eles para não se separarem. Depois desse conselho, assinam o livro de casamento e a festa continua. As pessoas comem e bebem na última noite de baile e as duas famílias, juntamente com os convidados, dançam e se divertem, na maior união.

Jakág kãme

Natalino Góg Crespo
Setor Missão, A.I. Guarita

Vỹsỹ ũ tỹ tĩg tĩ, hãra tóg krĩ vẽnhmỹ tĩgtĩ gé, kỹ tóg ser ném ũ vég mũ ẽn ko ke tĩ gé, hãra tóg kamrito jãfa vég mũ, ti tỹ vén kỹ tóg ti mỹ tỹ minvi ve nỹ tĩ, kỹ tóg ko mũ ser, hãra ũ tỹ ko mũ ẽn jyjy vỹ jakág ke mũ.Ti tỹ ko nĩ ra rigmũ tỹ ti vég, kỹ tóg ti mỹ:

-Ker ko hã; Kemĩr.

-Kaka vẽ. Ke tóg rigmũ ti.

Kỹ ser jakág tóg sũ, sũ ke mũ.

Kỹ hẽ vỹ sỹ jakág kamén ti.

Iskóra tá kelig

Sóri tóg vẽnhmỹ tyvĩ nĩgtĩ, ti tỹ kanhir ẽn hã tỹ ti ke ha tĩg nĩ, kejẽn tóg iskóra kãke kanhir mũ, kỹ ti vẽnh kainhrẽn ja fã tóg ti tũ jũ harũ ser. Hãra tóg ke hã han mãn mũ ge, kỹ ti vẽnh kainhrãn fã tóg ti mỹ, ha ã ĩn ra tĩg ser ke mũ ti mỹ, kỹ sóri tóg ti ĩn ra tĩ mũ ser, hã kỹ tóg iskóra tá kõtĩg mũ ser, ti tỹ hora tá krỹg tũra.

Goj pãrér

Natalino Góg Crespo
Setor Missão, A.I. Guarita

Sój tỹ ã kron há ra nĩgtĩ kỹ tóg goj vytĩ mũ, ti tỹ tá jun kỹ tóg ti tỹ hẽren kỹ vyn ge tũ ti, kỹ tóg vỹn ke mũ, goj tũra, kỹ tóg ti mỹnh fi mỹ,

- inh pi goj ũ vég mũ.

Kỹ ti mỹnh fi tỹ ti mỹ,

-Hẽren kỹ ẽg kronkron mỹ ser... mỹ ? gera vytĩg. Ke fi tóg mũ ti mỹ, soj mỹ.

Kỹ sój, tỹ kópa ũ vyn.Kỹ tĩ mũ, ẽn ke tóg su goj fyn mu ser

Kójónh

Kejẽn jẽsĩ ũ tóg tĩgtĩ, tẽ tigtĩ ti, ti pir mỹ, kejẽn tóg ka ũ kri gópn ke mũ, hõra tóg, tỹ kỹrnira jẽsĩ ũ fi tỹ ti rẽ gom ke mũ gé, kỹ tóg fi mỹ kyr nĩ nĩ ser. Hãra tóg fi mỹ kojónh, kojónh, ge nĩ nĩ, hãra tóg fi mỹ sĩnvĩ ke mũ, kỹ fi tỹ ti mré kỹr mũ gé, hãra fi tỹ, tỹ ti kỹr hã ni gé, kỹ fag tóg jagne mré kojónh, kojónh ge nỹtĩ nĩ, kar fag tóg jugne mré tẽgtẽ mũ mũ ser.

Kajẽr mré kẽme fi

Natalino Góg Crespo
Setor Missão, A.I. Guarita

Kajẽr tóg ser ti krẽ tỹ nén ũ koj ke to ẽkrég tĩ nĩ. Kỹ tóg ser inh hã nỹ ẽpỹnh tĩg, ke mũ. Kỹ tóg ẽpy tĩg mũ ser kuvar há tá.

Hãra ti ẽpỹ tĩ ra, ta tóg kutẽ mág mũ. Kỹ tóg ge ra ẽpỹg tĩ nĩ. Hãra tóg kejẽn nẽfyn kã tỹvin mũ. Kỹ tóg inh hã nỹ tĩg ha, inh ĩn ra, ke mũ. Hãra tóg tũ ke tũ nĩ nẽfy tĩ, ti tỹ ẽmĩn jagma tĩ ra. Hãra in ũ tóg mer tá jẽ nĩ. Kỳ tóg ser tu vẽnhrãg tĩ mũ ser. Hãra kẽme prũ fi hã nỹ jãnkã kã jã mũ. Kỹ kẽme fi tóg kajẽr mỹ: " ã tỹ hẽ rẽ nẽ nẽfy kãmĩ tĩ nĩ, ke mũ". Kỹ kajẽr tóg fi mỹ: inh ẽpỹ tĩ ra tóg inh kri nẽfyn, ke mũ. Hã kỹ sóg tĩ nĩ ha vãvã ke mũ. Hãra nẽfy tóg krỹ ke jãvãnh nĩ ke mũ. Kỹ sóg ãjag in to vẽnhvãg kãtĩ mũ, ke mũ. Kẽme fi mỹ. Kỹ kẽme fi tóg kajẽr mỹ: ha kãrã ke kỹ, ke mũ. Kỹ kajẽr tóg hej ke mũ.

Kỹ ser ĩn kãtá kajẽr tóg kẽme fi mỹ: jãvo gupare ti, ke mũ. Kỹ fi tóg ti mỹ: kuvar há ra tóg vár ke mũ. Kỹ kajẽr

tóg e mẽ... ke mũ. Ti tỹ ke nĩra tóg ser kuty nỹ ser, jãvo ta vỹ gym ke jãvãnh nỹ.

Kỹ kajẽr tóg ser nũr sõr mũ ser. Hãra jãvo kẽme tóg kãtĩ tũ nĩ gé ser, ti ĩn ra. Kỹ ser kẽme tóg kãtĩ tũ nĩ gé ser, ti ĩn ra. Kỹ ser kẽme fi tóg kajẽr mỹ: kỹ tóg pin rã nỹ he mũ. Kỹ tóg hej ke mũ. Jãvo kẽme fi tóg nũr ti mũ gé ser. Tỹ si ke mũ ra kajẽr tóg kẽme fi mỹ: inh pi nũr há han mũ ke mũ. Kỹ kẽme fi tóg ti mỹ: hẽ ren kỹ, ke mũ. Kỹ tóg fi mỹ: inh nỹ tóg ki tóg kãpó kamã tỹvin nĩ, ke mũ. Kỹ fi tóg timỹ kỹ tỹ tóg kã hã nỹ ke mũ, kajẽr mỹ. Kỹ tóg kamẽr hã vẽnhnỹ kã tỹvin kỹ fi to hã nỹ mũ ser. Hãra tỹ si ke mỹr tóg ti vi ja hã tó mãn mũ gé ser. Kỹ fi tóg ti mỹ: Kỹ tỹ isu hã nỹ, ke mũ. Kỹ kajẽr tóg ser komẽr hã vẽnhnỹ kã tỹvin kỹ fi to hã nỹ mũ ser.

Kỹ kajẽr tóg hẽ ren kỹ fi mỹ vĩ ja tũg nỹ nĩ ser. Hãra kejẽn kajẽr tóg kẽme fi mỹ: "ã tỹ ne nỹ nĩ", ke mũ. Kỹ fi tóg inh kanẽ vẽ, ke mũ. Kar tóg fi ki ũ jẽmẽg mũ gé. Kỹ fi tóg: "inh nĩjẽ vẽ", ke mũ. Kar tóg jo tag ti, ke mũ. Kỹ fi tóg: "inh jẽnky vẽ", ke mũ. Kav tóg jo nỹtĩ tóg ti, ke mũ gé. Kỹ fi tóg ti mỹ: "inh nĩgrẽj vẽ", ke mũ gé. Kar tóg fi ki ũ jẽmẽ mãn mũ gé. Kỹ fi tóg ti mỹ: "inh nũgnin vẽ", ke mũ. Kỹ tóg fi mỹ e mẽ ke mũ. Jãva nĩ tóg ti ke tóg mũ

gé fi mỹ. Kỹ fi tóg ti mỹ ã gupare rãnhrãj fã vã ke mũ. Kỹ kajẽr tóg fi mỹ: e mẽ ke mũ vẽnhnỹ kã tỹvin kỹ kỹ tóg fi mỹ: isỹ gupare rãnhrãj fã ki rãnhrãj mũ gé ke mũ. Kỹ kẽme fi tóg kajẽr mỹ: kỹ tỹ kuri ke kỹ ã gupare rãnhrãj fã ki rãnhrãj, ke mũ. Kỹ kajẽr tóg vẽnhny kã tỹvin kỹ rãnhrãj, mũ ser. Kar tóg tĩ mũ ser kuty hã ta rãnhrãj kar. Ti tỹ ti gupare jun tug ki tĩg vẽ.
Kỹ hã vẽ ser kajẽr mré kẽme fag kãme ti.

Rẽrĩr kãme

Kusẽj gỹ en kã ẽn tỹ rẽrĩr ke nỹ tignĩ gé, mỹr ẽn kã tóg ẽg ge mỹ kej mũ ser.
Ẽg tỹ ta vẽnh kajrãnrãn ja fã tag tỹ, gĩr ag mré rẽrĩr ke nỹtĩg mũ kusẽj gy ãn kã, mỹr ũ tỹ kusa mẽg min kỹ, pi nẽm ũ han sór mũ, kỹ ẽg tỹ ẽn nón vẽjn ke nỹtĩ.

Rarỹj vẽne ke

Ság tóg rarãj pẽn kré mag tyvĩ nĩgtĩ, kỹ tóg ti kanẽgnẽn kỹ tỹ hẽren javẽnh nĩgtĩ, ti rẽnrẽn kỹ tóg vẽnd kej mũ ser, ti tỹ to nén ũ koj ke ẽn kajẽm jé, rarãj jankamũ ẽn to.

Pỹn kãme

Natalino Góg Crespo
Setor Missão, A.I. Guarita

Kỹ pỹn tóg ti ĩn tá ãa kutẽ kỹ ti régre ag vigvenh tĩ mũ, kuvar há tá.

Hãra ti tĩ ra kanhgág ũ tóg ti kato jun mũ. Kỹ tóg ti jũ nĩn kỹ, ti kamẽg kỹ ti tãnh mũ ser, kanhgág ẽn ti.
Kỹ tóg ser pỹn tãnh kar tĩ mũ ser, kanhgág ti. Hãra pỹn tãnh kỹ nỹ ẽn ti régre tóg ti ki jun mũ. Kỹ tóg jũ kã tỹvin mũ ser, ti régre ti. Jũ kỹ tóg: sỹm ge kỹ gróggróg ke mũ. Kar tóg sỹm ké, ke ti. Kar tóg ser sỹm ke mãn kỹ: inh nĩgrẽg nĩranh ja vé, inh nĩgrẽg nĩranh ja vé, inh nĩgrẽg nĩranh ja vé, jỹ tĩg kỹ: ki tỹ gry, ke janh vãvã. Inh régre kajãn kỹ: ke tóg mũ ser pỹn tãnh kỹ nỹ ẽn régre ti.
Kỹ isỹ pỹn jũ kãmén hã vỹ ser.

Jãtã ag tỹ mỹsinsér mũj ke

Kỹ jãtã ag tóg ag mũj ke to vẽmẽn nỹtĩ nĩ, kuvar há tá, mỹsinsér jé. Kỹ tóg ser jãtã ag mỹ ser ti, ag tẽgtẽ ha nỹtĩn kỹ.

Hãra ag mũj ke to mỹsinsér mũn jãvo Pépo tóg Krin kónẽn nĩ nĩ, ag mré mỹsinsér jé. Kỹ tóg inh pi hã ra Jãtã vẽkyn fã kãra rã tũ nĩj mũ hãra ke tóg mũ, Pepo ti.
Kỹ ag tóg mũj ke mũ ke mũ ser Jãtã ag mỹsinsér jé. Kỹ Pépo tóg Jãtã ũ vatánh tá ti vãkỹn fã kãra mũ ser. Kỹ tóg ag mré tĩ mũ ser. Pépo mỹ tóg ser tĩ.

Hãra kejẽn Jãtã tóg ti vãkỹn fã kãtá ẽvãnh mü. Hãra Pépo tóg kãtá nĩ nĩ, Jãtã vãkỹn fã kãtá. Kỹ Jãtã tóg jũ kỹ, Pépo fan mũ ser, kỹnhmỹ tig kỹ. Kỹ Pépo tóg hẽ rej ja tũg mũ, kynhmỹ kãtére kỹ. Kỹ tóg pó tỹ ẽg vĩ ki kagtig ra, pó mỹ: inh ju ranh, inh ju ranh ké, inh ju ranh ké ke mũser, Pépo ti. Hãra pó tóg Pépo ju ranh ke tũ nĩ. Kỹ Pépo tóg nóg ke mũ ser. Hã kỹ uri Pépo tóg tãpér nĩ uri.
Kỹ hã vẽ ser isỹ Jãtã mré Pépo kãmén ti.

Magias do guerreiro Kanhgág

Gelson Vergueiro Kagrẽr
Setor Vila Alegre, A. I. Nonoai

Segundo João da Silva Mĩg Mág, os Kanhgág sempre foram temidos por outros povos indígenas, pois eram guerreiros. Os Kanhgág preparavam seus filhos, desde pequenos até a fase adulta, para se tornarem grandes guerreiros, hábeis na mata e com grande resistência física, devido ao preparo especial que lhes era dado. Para serem guerreiros os meninos eram cuidados pelos mais velhos, que preparavam remédios naturais especiais.

Os velhos Kanhgág esmagavam as folhas das ervas torradas usando pedras e, durante o esmagamento ritual, os velhos cantavam e pediam para que os remédios deixassem as suas crianças fortes como a pedra que usavam, e que as crianças tivessem uma vida como a da pedra, que nunca morre.

Depois da preparação ritual dos remédios à base de ervas, os velhos escolhiam uma noite para aplicá-los nas crianças, ainda de madrugada, enquanto elas dormiam. É nessa hora que acontece o *gĩr ag sán san*, ou seja, pretejar as crianças com o remédio de folhas medicinais torradas e transformadas em pó. O remédio é passado nas juntas e por todo o corpo da criança. Antes dos pássaros e os galos cantarem, as crianças devem ser acordadas para irem até o rio corrente e tomar um banho para se lavar. Tudo isto deve ser feito antes dos galos e pássaros cantarem, porque então o ar da noite estará sem nenhum barulho e só ao acordar é que os Kanhgág ocupam o ar, quebrando o silêncio e percebendo os movimentos antes mesmo de serem acordados.

Ao se lavarem no rio antes dos pássaros, as crianças pegavam toda a força que vinha da correnteza de água pura, porque depois que os pássaros bebessem e se lavassem na água, toda a força era deles e assim deixavam a água contaminada para quem a usasse depois.

A partir disso, as crianças já estavam preparadas para receber outros remédios que as tornariam mais fortes. Como ainda não estavam com a mente preparada para absorver o conhecimento dos mais velhos, deviam comer uma fruta, a *kẽgren jẽn*, que era encontrada onde a mata é mais densa e de difícil penetração. Quando a criança comia a fruta, sua mente passava a ter mais facilidade para absorver conhecimentos, ou seja, a criança ficava mais inteligente e podia absorver os conhecimentos dos guerreiros Kanhgág mais velhos.

Os remédios para grandes guerreiros

Outros remédios complementares eram preparados para os guerreiros se tornarem completos na sua arte mágica de guerra. Para que não ficassem dorminhocos, era usada uma planta chamada *nhy*, que geralmente nasce dentro da água. A criança deveria levantar-se de madrugada, colher estas plantas da água com as mãos antes do sol surgir, esmagá-la com as palmas das mãos e lavar o rosto, misturando a planta esmagada com a água.

Para que o guerreiro não fosse atingido pelas costas sem perceber, era preparado *kẽgĩn fẽr*. Usando esse remédio o guerreiro poderia perceber qualquer movimento silencioso de uma tentativa traiçoeira de atingí-lo, podendo esquivar-se a tempo, sem ser atingido.

Preparava-se um remédio *kỹkrỹ* para passar no corpo dos guerreiros, tornando o corpo tão liso que ninguém conseguiria agarrá-lo e segurá-lo numa luta corporal.

O guerreiro deveria ser sensível para perceber os movimentos de um inimigo se aproximando para o ataque e, para isso era usado o *sẽgsó fẽr*, ou, a pena da gralha azul. Esta pena deveria ser esfregada no ouvido e deixada ao lado dele quando se deitasse para descansar de dia ou quando dormisse durante a noite. Quando estavam na mata, usavam a pena atrás do ouvido. Deste modo, o guerreiro era capaz de ouvir os movimentos do inimigo, distinguindo assim, os movimentos dos animais dos passos do inimigo, do estalar e do esbarrar nas folhagens da mata, mesmo que este inimigo estivesse distante de onde ele estava.

O guerreiro deveria ser rápido e bom esquivador para se defender dos golpes durante um ataque inimigo. Depois disso, os velhos pegavam *vỹnhvỹj*, mães d'água, e as esmagavam com os dedos, fazendo cair gotas do líquido do corpo das plantas dentro do olho da criança, que depois disso se tornava um grande esquivador, capaz de escapar de golpes e até mesmo de flechas.

Passado tudo isso, começavam a preparar seus arcos e flechas de guerra, que eram lavados com remédios que os tornavam mortais, o *nokyja*. Também eram preparadas flechas e arcos para caça e pesca, e para cada utilidade era usado um tipo de remédio.

Existia um remédio usado para que o guerreiro tivesse facilidade em achar abelhas, percebendo-as a distância, chamado *géj nĩ́ féj*, que só poderia ser usado duas vezes. Quem o usasse não poderia comer o mel com bolo, *ẽmĩ́*, nem comer mel durante a noite, e ainda não deveria consumir o mel produzido pelo zangão. Se alguma destas coisas acontecesse, a magia do remédio era quebrada. O melhor era consumir o mel ainda no mato.

Os Kanhgág fabricavam o *kra*, machado de pedra, e a flecha com ponta de *kyfé*, ferro ou metal. A ponta de ferro da flecha era preparada com pedras de afiar.

Os homens que eram preparados para a guerra, pesca ou caça não poderiam brincar com suas esposas. Os meninos que estavam sendo preparados não poderiam brincar com as meninas, porque os velhos diziam que eles se tornariam fracos, sem força nos braços. Se quisessem ter a magia do guerreiro Kanhgág, deveriam obedecer as regras. Quebrando as regras, os caçadores nada conseguiriam caçar e, quando flechassem os animais, eles iriam embora, mesmo flechados, pois eram tiros fracos, *pẽg kusa*.

Quando iam para a guerra, os guerreiros levavam como alimento apenas uma medida de *pisé*, que os sustentava por muito tempo.

Quando batia a fome eles jogavam na boca um pedaço de *pisé* e bebiam água.

A última guerra entre Kanhgág e os Xokleng

Gelson Vergueiro Kagrër
Setor Vila Alegre, A. I. Nonoai

O que vou relatar a seguir me foi contado por João da Silva Mĩg Mág e Doralina Crespo Gajká. Os fatos ocorreram nos tempos antigos, quando Mĩg Mág era rapaz, novo e forte. Ele pensa muito nesses tempos!

Nós, Kanhgág, habitávamos terras que foram dominadas por nossos pais e avós, territórios que eram dos índios Xokleng, mais conhecidos como *Kanhgág Jũ*, que significa índio bravo. Pela ação de nossos antepassados, que dominaram e expulsaram os Xokleng, ainda hoje ocupamos essas terras.

Os Xokleng, expulsos de seu território, fugiram dos Kanhgág atravessando o rio Uruguai, e se estabeleceram no Estado de Santa Catarina; atualmente estão no Ibirama. Antigamente, essa terra era chamada *Fág Kavá*,

que significa pinheiro sem galho, um tipo de pinheiro que existia na época.

Muito tempo depois de terem se apoderado das terras dos Xokleng, os Kanhgág estavam despreocupados e distraídos, na roça ou descansando em suas redes, na época de milho verde, quando ouviram o grito da filha de um Kanhgág:
" *Pỹieeee! Vejin Kanhgág Jũ Agg*! Pai, olhe os índios bravos!"

Os que estavam em suas redes de um salto foram ao chão, armando-se com seus arcos. Os que estavam na roça também vieram correndo com suas flechas e armas de fogo que os Kanhgág tinham em seu poder.

O ataque dos Xokleng

Com o grito da índia Kanhgág, que alertou os homens da aldeia, os *Kanhgág Jũ* surgiram da mata pintados para a guerra por todo o corpo, armados com arcos para atacarem a aldeia. Os Kanhgág de *Fág Kavá* os

encontraram e travaram uma luta cerrada. Como os Kanhgág haviam sido comunicados a tempo de se armar, acabaram levando vantagem, e até os que estavam na roça chegaram correndo, surpreendendo os *Kanhgág Jũ* pelas costas.

Percebendo que a perda de seu lado fora grande, os Xokleng recuaram. Mas, no ataque não pouparam nem as crianças, jogando-as para cima e esfaqueando-as, ficando as crianças espetadas em suas facas. Mesmo assim os Xokleng não resistiram e fugiram, penetrando na mata e sendo perseguidos pelos Kanhgág. Na mata era difícil alcançá-los, pois eles possuíam remédios para se tornarem hábeis na floresta, e não se conseguia sequer ouvir um barulho deles, mesmo que estivessem em grande número.

Nós os perseguimos mata adentro, pois também fomos preparados com remédios para sermos bons guerreiros como eles. A perseguição se estendeu de *Fág Kavá* até as margens do rio Uruguai, na divisa dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Quando chegaram às margens do rio, os Xokleng se jogaram na água e atravessaram o rio Uruguai, alcançando a margem do outro lado em poucos minutos. Embora possuíssem habilidades na água, os Kanhgág não se arriscaram além do rio, porque ali era o limite dos territórios, e se atravessassem, estariam em território Xokleng.

As flechas da paz

O grande líder do território Kanhgág era o cacique Nãnãvãjn, que dominava todo o território e, para cada toldo, escolhia um convivesse melhor naquele lugar. No *Fág Kavá*, ele escolhera para líder seu filho Jóg Jó Kri Kojén, que, na margem do Rio Uruguai ouviu o grito do líder Xokleng dizendo:

" *Mũnỹ jag nã mãn tũg jé ha*! Vamos deixar de guerrear a partir de hoje."

E então Jóg Jó Krĩ Kojén respondeu:

" *Hejjj kekỹ*! Sim, vamos então!"

O líder Xokleng e o líder Kanhgág, cada um em seu território, cada um em uma margem do rio Uruguai, retesaram seus arcos e lançaram flechas que se cruzaram no ar, e foi possível ouvir o silvar das flechas cortando o ar sobre as águas do rio. Essas eram flechas preparadas para ser usadas no caso de cessar a batalha, e tinham a pena *ti fẽr*, vermelha, que significava a paralisação da guerra.

A flecha lançada pelo líder Xokleng cortou os ares e se cravou na margem próxima ao líder Kanhgág. O mesmo aconteceu com a flecha lançada pelo líder Jóg Jó Krĩ Kojén, que atravessou toda a extensão do rio e só parou quando se cravou na margem oposta, junto ao líder Xokleng.

Os Kanhgág, voltando da perseguição aos Xokleng, chegaram na aldeia *Fág Kava* e perceberam que haviam matado muitos Xokleng. Para se livrarem dos corpos, fizeram um cemitério abrindo um buraco muito grande, e os jogaram dentro.

Os Xokleng voltaram para a região chamada *Pénkár*, onde dominavam um pequeno território. Hoje estão dominados pelos Kanhgág, e ficam no município de Rodeio Bonito, atualmente chamado Posto do rio da Várzea.

Os Kanhgág acharam que os Xokleng, ao passar para o nosso território, resolveriam nos atacar para vingar a guerra de expulsão anterior feita por nossos antepassados. Isso foi quando os Kanhgág quase acabaram com os Xokleng, e os sobreviventes daquela guerra ainda hoje dizem:
" *Fág cavá ty eg my néve je*", que significa: "os habitantes de *Fág Kavá* têm uma dívida para conosco".

A morte do guerreiro Xokleng

Gelson Vergueiro Kagrẽr
Setor Vila Alegre, A. I. Nonoai

Esse relato me foi contado por João da Silva Mĩg Mág. Há tempos atrás, os Kanhgág e os Xokleng estavam em guerra. Ao perceberem que não resistiriam a um contra-ataque dos Kanhgág, os guerreiros Xokleng, que já haviam perdido grande parte de seus homens de guerra, recuaram e tentaram fugir da perseguição dos guerreiros Kanhgág pela mata de *Fág Kavá*, que se estendia até as margens do rio Uruguai, porto Gojen. Os guerreiros Xokleng eram conhecidos e chamados de *Kanhgág Jũ*, por causa de sua bravura e por seu banditismo nos ataques, que não poupava nem as crianças.

Mas, como os Kanhgág também eram fortes e preparados para ser guerreiros, perseguiram e venceram os Xokleng. Durante a perseguição, um grupo de guerreiros Kanhgág conseguiu capturar um guerreiro Xokleng e o fizeram prisioneiro. Os Kanhgág o agarraram mas não

conseguiram amarrá-lo, pois ele era um guerreiro muito forte e preservado em pleno corpo físico. Os Kanhgág davam golpes de bordunas na cabeça, mas mesmo assim ele não caía.

Golpearam então com ferro, fazendo-o cambalear, mas ele não caía e não esboçava sentimentos de dor ou mesmo gritava. Os guerreiros o trouxeram à força, e, chegando na aldeia em Fág Kavá, o prenderam no *vãse*, tronco, mas o índio Xokleng se levantava e se desamarava, arrancando as varas de madeira.

O líder Kanhgág ordenou que um guerreiro o matasse, e este o feriu de morte. Antes de morrer, o guerreiro Xokleng juntou as forças que ainda lhe restavam e disse aos Kanhgág:
" Podem me matar, mas meus parentes estão por aí e não vão me deixar ficar aqui. Eles virão me buscar, mesmo que seja só o meu corpo!"

Os Kanhgág esconderam o corpo do guerreiro morto, sepultando-o num local que pensavam ser secreto. Dias

depois, ao fazer uma visita ao local onde haviam posto o guerreiro Xokleng morto, não encontraram nada. Os parentes e companheiros guerreiros do Xokleng o haviam levado.

Os Kanhgág fizeram um cemitério para enterrar os mortos Xokleng que haviam matado na guerra. Quando houve a guerra, os *kãnḫmég* desses mortos se revoltaram e vagaram na escuridão da noite.

Hoje, quando ouvimos os movimentos nas noites, que são como assobios de pássaros que assustam e gritos que até os cachorros percebem, sabemos que são os *kãnhmég* dos guerreiros Xokleng mortos na guerra, vagando revoltosos.

Em que parte se dá um aviso no corpo Kanhgág

Valmir Cipriano Jẽsĩ
Comunidade Inhacorá

O povo Kanhgág valoriza muito seu corpo, usando muitos remédios da mato para conservá-lo, e possuindo, dentro de sua cultura, dias sagrados para este fim.

A parte mais conservada de seu corpo são seus braços, porque neles estão a sua sobrevivência e a conservação de suas tradições. Esta parte do corpo também serve de aviso para a pessoa se cuidar; quando há uma vibração no antebraço do indivíduo, alguma coisa imprevisível poderá acontecer.

A vibração no antebraço esquerdo avisa que o problema não é muito sério, que talvez venha um temporal, ou alguma visita de pessoa distante. A vibração no antebraço direito mostra que o problema é sério, sinal de

preocupação para a família ou parentes da pessoa, podendo até ser morte.

Essas vibrações poderão acontecer quando menos se esperar, assim como os acontecimentos previstos.

Todos os Kanhgág sentem as vibrações, sejam eles *Kamé* ou *Kairukre*, mas as interpretações sobre elas podem variar.

Pássaros que avisam o bem e o mal

Valmir Cipriano Jẽsĩ
Comunidade Inhacorá

As histórias que iremos ler foram contadas por um Kanhgág que nasceu e vive nesta comunidade. Seu nome é Vitor Kakymy Cipriano, 62 anos, viúvo. Vitor é evangélico.

Ele conta que, antigamente, a mata que existia era muito grande, o que obrigava os membros de uma família se deslocarem mato adentro para visitarem a outra parte da família, ou mesmo para ir de um lugar a outro.

Como sabiam bem os caminhos, não se preocupavam com horários, e assim, caminhavam de dia e de noite. Acreditavam muito nas plantas nativas, nos animais e nos pássaros. Aliás, os pássaros, até hoje, são considerados muito importantes para os Kanhgág, e também são muito respeitados.

Tỹtỹ é um tipo de pássaro existente nas matas, semelhante a um curuvira. É sinal de perigo o momento em que uma pessoa escuta o seu canto, *tỹtỹ, tỹtỹ, tỹtỹ*. A pessoa pode ter alguns problemas durante as próximas 24 horas. Se ela se cuidar, vigiar seus atos durante esse tempo, nada lhe acontecerá.

Esse mesmo pássaro também avisa o bem, ou o momento de tranquilidade. Isso se dá quando a pessoa escutar o canto *sẽg, sẽg, sẽg*, e ela deverá ficar alegre, porque esse canto mostra a ela que não terá problemas durante sua caminhada. Esse canto também avisa que o perigo já passou.

Qualquer pessoa poderá escutar esse pássaro cantar, seja ela da metade *Kamé*, ou da metade *Kairukre*.

Jor é um tipo de pássaro semelhante a um sabiá. O momento em que se ouve seu cantar, *joror, joror, joror*, é sinal para os membros da comunidade: um determinado tipo de doença vai atacar. Quando a pessoa o escutar

mais de uma vez, deverá procurar imediatamente o *kujã*, para que a doença não se fixe em sua família.

É também um pássaro que poderá trazer alguma surpresa agradável, como uma visita não esperada, a boa colheita, muita sorte, e isso pode ser percebido quando seu canto for: *ge, ge, ge*.

Por isso todos os índios Kanhgág estão sempre alerta para os acontecimentos da natureza, porque acreditam que os problemas trazidos por ela serão também resolvidos por ela.

História da invasão de posseiros em Nonoai até sua expulsão

Gelson Vergueiro Kagrẽr
Setor Vila Alegre, A. I. Nonoai

Segundo o relato de Armandio Kakre Vergueiro, há muito tempo atrás não existia barco nem ponte no porto Goioeu, no rio Uruguai. O único modo de atravessar o rio era usando canoas. Foi nessa época que bandidos matadores, que atuavam nas regiões de fronteira, vieram se esconder em Nonoai para escapar à perseguição policial. Quando a polícia descobriu que estes bandidos estavam refugiados em Nonoai, enviou tropas para detê-los. Travaram-se verdadeiras batalhas entre eles e, como os bandidos conheciam melhor a região, eram em maior número e tinham mais armas, ganharam as batalhas.

Muitos policiais morreram nos confrontos, fazendo assim, a polícia recuar. Os bandidos jogavam os policiais mortos numa cascata em Nonoai. Aqueles que não

enfrentavam a polícia fugiam atravessando o rio Uruguai, usando canoas até chegarem em Santa Catarina.

Vencendo sempre os policiais, os bandidos se tornaram cada vez mais fortes, conseguindo armas e munições. Assim se formaram grupos revolucionários que perseguiam os índios Kanhgág, habitantes das margens do rio Tigre, *Goj Mĩg*, próximo a Nonoai. Os índios possuiam um grande território, que compreendia as margens do rio Tigre e se extendia até os atuais municípios de Planalto e Rodeio Bonito. Os bandidos atacavam os índios quando estes atravessavam o rio para comprar sal, erva, açúcar etc. Eles atacavam também as mulheres Kanhgág.

Cansados de ser perseguidos, surrados, e de ver suas mulheres violentadas, os índios resolveram se reunir e traçar planos de vingança contra os bandidos que tantos danos lhes causavam.

Chuva de flechas nos bandidos

Liderados pelo cacique Kỹjeró, resolveram mandar um grupo de Kanhgág comprar alimentos na bodega, acompanhados à distância por um grupo de flecheiros, que estava preparado para agir quando os bandidos atacassem.

Sem perceberem a estratégia dos índios, os bandidos atacaram o grupo, brigaram e tentaram agarrar as mulheres índias e, nesse instante, surgiram como um raio nas margens da mata os índios flecheiros. Uma chuva de flechas caiu sobre os bandidos que corriam. As flechas silvaram no ar e só pararam quando as pontas penetraram seus corpos. Alguns morreram na hora e outros conseguiram fugir mesmo flechados.

Os índios sabiam que a partir deste dia teriam respostas imediatas dos bandidos, que eram muito bem armados e que conseguiram fugir com vida. Temendo um ataque surpresa, os índios Kanhgág resolveram se afastar de Nonoai e das margens do rio Tigre onde viviam.

Embrenharam-se e atravessaram toda a mata, estabelecendo-se nas margens do rio da Várzea, próximo a uma cachoeira onde pescam. Dizia-se que os Kanhgág saíram das margens do *Goj Mĩg* e foram morar no *Goj Sa*, onde há uma cachoeira com *paris* para pescar. Este lugar ficava a muitos quilômetros de Nonoai, andando mata adentro.

Bandidos queriam vingança

Os bandidos sobreviventes estavam decididos a se vingar dos Kanhgág e saíram em expedição por dentro da mata, no encalço dos índios. Embrenhados mata a dentro, localizaram os Kanhgág e, numa operação surpresa, capturaram o cacique Kỹjeró e mais dois índios, colocando cordas em seus pescoços e trazendo-os para Nonoai.

Os bandidos prenderam os índios numa cadeia de pau-a-pique e puseram um cadeado na porta. Ameaçaram os índios dizendo que em três dias os matariam e os

jogariam na cascata - hoje conhecida como cascata das Andorinhas - como faziam com os policiais.

Certos de que seriam mortos no terceiro dia, os índios traçaram planos para fugir da cadeia e da morte. Na última noite, o mais velho dos três índios Kanhgág, que sabia muitas simpatias aprendidas com seus avós, pediu para seus companheiros ficarem em silêncio, à meia noite, pois iria trabalhar a magia.

Fez-se um silêncio de morte, e a magia se realizou quando o cadeado abriu sozinho. O carcereiro de vigília naquela noite deixara seu *combrem*, uma espécie de fuzil conseguido em algum confronto com a polícia, encostado na parede, e dormia num sono profundo sobre um cepo junto à porta da cadeia de pau-a-pique.

Os três índios, vendo o carcereiro dormir, esperaram um pouco até que o mais novo deles ordenasse a saída dos outros, enquanto ele pegava o *combrem* perto do carcereiro. Nesse instante, o vigia despertou e tentou reagir ao perceber que os índios que estavam sob sua

guarda fugiam. Mas não foi rápido o suficiente para se defender do índio que empunhava a arma e desferia um golpe certeiro em sua cabeça. A coronha do *combrem* atingiu o bandido com tanta violência que ele caiu morto na terra.

Como não era mais preciso golpear o carcereiro já tombado, os dois índios que observavam a cena escondidos chamaram o mais novo e fugiram. Se não tivessem conseguido fugir naquela noite, certamente seriam mortos e jogados na cascata.

A morte do padre Manoel

Nessa época convivia com os Kanhgág o padre Manoel, que praguejava contra Nonoai por causa das mortes constantes causadas pelos bandidos. Talvez as pragas do padre tenham contribuído para o atraso no desenvolvimento de Nonoai, que é um lugar mais antigo que Porto Alegre. Tempos depois foram encontrados mortos o padre Manoel e seu coroinha Adilio, em Passo do Lobo, região próxima a Nonoai. Como o padre e seu

coroinha conviviam muito com os Kanhgág, começaram a dizer que os índios os teriam assassinado.

Na verdade, o padre praguejara contra Nonoai e, como os bandidos eram os principais responsáveis pelas mortandades que ocorriam na época, certamente o padre e seu coroinha morreram por vingança dos bandidos assaltantes de Passo do Lobo. Por isso, até hoje os brancos dificilmente se dão com os Kanhgág, acreditando ainda que os índios mataram o padre.

Como os Kanhgág se retiraram das margens do *Goj Mĩg*, rio Tigre, em Nonoai, e se estabeleceram nas margens do rio da Várzea, próximo ao município de Rodeio Bonito, houve uma espécie de desocupação das terras Kanhgág, o que facilitou a ocupação lenta e progressiva dessas terras pelos brancos.

A partir de 1940 começou a invasão dos territórios indígenas. A ocupação dos territórios Kanhgág se estendeu até 1978, quando havia, aproximadamente, onze mil e oitocentos posseiros destruindo as matas, matando

os animais, retirando a madeira e até mesmo garimpando nas terras. As terras, antes cobertas por matas, pareciam um deserto. O patrimônio Kanhgág - que é a natureza - vital para a sobrevivência do povo, foi quase todo depredado.

Nelson Sÿgre: líder Kanhgág

Não podendo cruzar os braços diante dos fatos, os Kanhgág resolveram resolveram unir suas forças para expulsarem os posseiros invasores. Em 1978 a população Kanhgág era constituída por apenas três mil índios.

Durante a ocupação, que durou trinta e oito anos, os índios realizaram reuniões para discutir o problema de sua terra e montar estratégias para expulsar os posseiros invasores.

Na época da invasão, em 1940, os Kanhgág eram liderados por Sÿgre, que procurou reunir outros líderes indígenas também preocupados com as contínuas perdas territoriais. A partir de 1972 foram discutidas idéias e

estratégias para uma reação contra a invasão territorial, mas as discussões não tiveram sucesso. Enquanto isso, o número de invasores aumentava a cada ano, numa proporção de onze mil e oitocentos posseiros contra três mil Kanhgág. Os líderes Kanhgág concluíram que seria difícil uma operação que expulsasse totalmente os invasores. Por volta de 1972, Sÿgre, o líder conhecido civilizadamente como Nelson Jacinto Xangre, resolveu incorporar pessoas mais inteligentes na liderança de estrategistas. Convidou então o índio Kanhgág Kakre, civilizadamente conhecido com Armandio Vergueiro, que, imediatamente, aceitou o convite e acompanhou os líderes numa reunião na Assembléia Legislativa em Santo Ângelo, além de outra em Frederico Westphalen, onde se reuniram diversas entidades.

Em dezembro de 1972, índios, padres e bispos se reuniram na Assembléia Legislativa de Curitiba, Paraná. Nesta reunião estava um bispo de São Paulo, muito contrário à tradição e às idéias dos Kanhgág.

A operação de expulsão

Em 1973 os índios se reuniram com os sem-terras, em Palmeiras das Missões, Rio Grande do Sul, e, a partir deste mesmo ano, começaram a se entender e a se organizar melhor. Em abril deste ano, em Santo Ângelo, no quartel do exército, houve a última reunião do grupo encarregado de traçar estratégias para a retomada das terras que haviam sido perdidas para os invasores. Nessa reunião, os líderes Kanhgág conheceram melhor seus direitos e os procedimentos que deveriam seguir para resolver o problema que enfrentavam há anos. Foram discutidas estratégias para a expulsão dos posseiros com o general do Exército de Santo Ângelo, uma vez que, em nossas andanças, havíamos amadurecido nossas idéias e queríamos colocá-las em prática.

Tínhamos esperança de que, nessa reunião, conseguiríamos encontrar o desfecho para a operação de expulsão.

Era madrugada de abril de 1973. Partimos da aldeia com o cantar dos pássaros a despertar. Ao chegarmos de carro a Santo Ângelo, procuramos o quartel do exército e fomos recebidos pela guarda, que nos pediu para aguardar a comunicação de nossa presença ao general, que veio ao nosso encontro e nos cumprimentou. Deu um sinal com seu apito e logo fomos conduzidos, com honras militares, pelas tropas do quartel que nos acompanharam até a entrada do gabinete.

Ao chegarmos lá, fomos recebidos pelo general José Lopes, que nos pediu para sentar. Explicamos o objetivo de nossa visita e da reunião que havíamos marcado. O general achou que deveríamos descansar, pois já era tarde e estávamos cansados da viagem. Trataríamos a questão de modo especial no dia seguinte. Já era tarde e começava a cair a noite quando fomos conduzidos ao alojamento. Depois de um banho, fomos chamados para o jantar, do qual nos recolhemos tão logo acabou e, por muito tempo durante a noite, discutimos planos para a reunião do dia seguinte.

De manhã bem cedo o general veio ao nosso alojamento empunhando uma cuia de chimarrão e uma garrafa térmica. Percebendo que o problema era de extrema urgência, o general preferiu tratar de nossa questão ainda no alojamento, pedindo segredo a Kakre, Sỹgre e José Lopes sobre o que fosse decidido ali. Era essa a razão pela qual, já pela manhã, ele havia decidido tratar da questão no próprio alojamento.

Os Kanhgág flecheiros

Expusemos nossos problemas e nossos planos para deflagração da operação de expulsão dos posseiros. O general deu opiniões e nos falou de nossos direitos quanto à questão da terra, sugerindo ainda um caminho para começarmos. Disse que nos daria todo o seu apoio caso precisássemos de suas tropas, mas pediu novamente que guardássemos sigilo absoluto. Disse que poderíamos dar início à operação assim que voltássemos para a aldeia, colocando em prática tudo o que havíamos planejado, e que se precisássemos de sua ajuda, deveríamos comunicá-lo imediatamente, pois estaria de

sobre-aviso, enviando suas tropas como reforço. Essa reunião durou apenas meio dia.

Ao chegarmos à aldeia começamos a colocar em prática nossos planos. Reunimos os Kanhgág da aldeia e tomamos a iniciativa de queimar todas as escolas dos posseiros, embora os ataques devessem ser feitos quando não houvessem crianças estudando.

Comunicamos outros postos indígenas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, que se prontificaram a enviar tropas de índios para Nonoai caso os Kanhgág não obtivessem sucesso na operação. Eram apenas três mil Kanhgág contra onze mil e oitocentos posseiros. Durante os ataques de destruição dos bens dos posseiros, eles foram avisados que teriam que desocupar a terra, e lhes foi dado um prazo para realizarem suas mudanças de forma pacífica.

Diante da situação de desocupação de terras, os posseiros tentaram revidar formando grupos de resistência. Pusemos em prática outra parte do plano. Preparamos

índios flecheiros, nus, pintados por todo o corpo, que entravam em ação frente a cada grupo de posseiros que tentavam resistir. Esse grupo de Kanhgág flecheiros tinha como tarefa atacar as poucas matas que ainda restavam após a ocupação e devastação feita pelos posseiros. Atacavam também os animais dos posseiros, abatendo-os com flechadas, e quando os posseiros surgiam, eram perseguidos pelos Kanhgág flecheiros até suas casas, onde se trancavam assustados e com medo dos índios.

Os invasores se assustaram com a aparição dos índios flecheiros, nus e pintados, que abatiam à flechadas tudo o que viam pela frente. Os posseiros assustavam uns aos outros, dizendo que aqueles eram "índios selvagens e antropófagos", que "comiam gente". Estavam tão assustados que fizeram suas mudanças o mais rápido que conseguiram, temendo ser alvo das flechadas pontiagudas dos selvagens que estavam na mata acelerando a desocupação das terras Kanhgág. Alguns posseiros diziam que aqueles eram índios botocudos selvagens, vindos de outros lugares para expulsá-los das terras dos Kanhgág.

O exército acompanha a operação

Mas estavam enganados, porque aqueles índios tinham sido especialmente preparados para agir diante de uma tentativa de reação dos posseiros. Foi engraçado, pois apenas seis índios Kanhgág conseguiram assustar os posseiros!

Ainda havendo grupos de posseiros rebeldes e corajosos, decididos a resistir, comunicamos o exército e o general José Lopes enviou suas tropas para Nonoai.

O exército acompanhou a operação de expulsão, oferecendo assim, maior segurança à prática dos Kanhgág. Percebendo que de nada adiantava a resistência, os posseiros começaram a se retirar.

Esta é a história da expulsão dos posseiros da área indígena de Nonoai, onde três mil Kanhgág expulsaram de seu território cerca de onze mil e oitocentos posseiros que, durante trinta anos, ocuparam e destruiram grande parte do território Kanhgág.

Encerrada a operação, perceberam que os resultados não foram tão negativos para os Kanhgág, uma vez que a diferença numérica entre índios e posseiros era demasiado grande. Avaliando o resultado da operação, concluíram que apenas um índio havia sido ferido, enquanto que, entre os posseiros, oito ficaram feridos e um morreu ao tentar revidar o despejo de sua casa. O posseiro, armado com uma foice, tentou desferir um golpe num Kanhgág, que foi mais rápido e escapou do golpe que poderia ser fatal. Um índio flecheiro que acompanhava a cena retesou seu arco e flechou o posseiro, que morreu alguns instantes depois.

Em maio de 1979 os brancos ainda comentavam que foram os "índios selvagens" de outras áreas que os expulsaram das terras dos Kanhgág.

Através de pesquisas em suas comunidades, professores indígenas trazem para o leitor uma parte do conhecimento e das tradições dos Kaingang. Aqui se encontram reunidos textos sobre suas festas e rituais, sobre suas lutas, sobre os *kujã* e a sabedoria de seus *jagrẽ* e sobre outros assuntos que nos mostram um pouco da sociedade e do "mundo" Kaingang em 1997.